

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM  
CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH  
MESTRADO ACADÊMICO

JOEL MATIAS DA SILVA

**UMA COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ROÇADOS – Projeto REC**

**TEFÉ – AM  
2024**

JOEL MATIAS DA SILVA

**UMA COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ROÇADOS – Projeto REC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH. Linha de Pesquisa: Programa Nacional de Cooperação Acadêmica Na Amazônia - PROCAD-AMAZÔNIA, como exigência para obtenção de grau de mestre.  
Orientador: Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo.

**TEFÉ - AM  
2024**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

S586c Silva, Joel Matias da  
UMA COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ROÇADOS – Projeto  
REC : plantando sonhos na amazônia / Joel Matias da Silva . Manaus :  
[s.n]. 2024.  
110 f.: color.; 21,0 cm.  
  
Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Orientador: Guilherme Gitahy de Figueiredo .  
  
1. Produção colaborativa. 2. aprendizagem na prática. 3.  
comunicação popular. 4. ribeirinhos. I. Guilherme Gitahy de  
Figueiredo (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III.  
Titulo

CDU(1997)168.522(043.3)

## JOEL MATIAS DA SILVA

### UMA COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ROÇADOS – Projeto REC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH. Linha de Pesquisa: Programa Nacional de Cooperação Acadêmica Na Amazônia - PROCAD-AMAZÔNIA, como exigência para obtenção de grau de mestre e apresentação a banca examinadora.

#### BANCA EXAMINADORA.

---

Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo (orientado)  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

---

Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

---

Pós-doutor Edson Tosta Matarezio Filho  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Conceito \_\_\_\_\_

Teté, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha esposa Alessandra e aos meus filhos Georgiana Emily e Samuel Geovane. Minha Rainha, obrigado por assumir a liderança da nossa casa, para que eu pudesse me dedicar em tempo integral a esse trabalho, sei o quanto foi difícil para você, por isso dedico essa dissertação a você, você merece, sem seu apoio moral eu já mais conseguiria.

Obrigado aos meus filhos, por compreenderem a importância desse trabalho para mim, e por terem aprendido a me dividir com os meus alunos, obrigado por terem compreendido meu trabalho e, terem dividido nossa casa, o espaço de vocês, com os meus alunos, eu estou muito orgulhoso da maturidade de vocês, obrigado.

## UMA HOMENAGEM A MINHA QUERIDA PROFESSORA

Dr Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra

À Minha Rita

Cheguei nesse mundo de dentro de uma canoa,  
De dentro de um igarapé, marcada pra dar errado,  
Sem chance de ir à escola, não esperei vida boa.  
O trabalho começou cedo, destino traçado, viver nos reçados.

Um rápido romance de adolescência e... como a vida não perdoa,

Com Marcela inexplorada, um presente lhe foi dado.

O que vou fazer? Perguntei desesperado.

O presente foi um filho, que depois foi tirado.

Já me Exército Brasileiro incorporado.

De Bebezão apelidado.

Soldado, em cabo transformado,

Honras, glórias conquistadas, um atleta renomeado.

Numa tarde de domingo, meu presente de adolescência foi tomado.

Meu mundo foi destruído, um tiro a queima roupa, levou o meu amado.

Quem fez o disparo? Um menor assaltante, Malik tinha, sete anos de idade.

Fui tomado pela fúria, planejava a minha morte, e a do culpado.

O que mais me magoava, era não sentir mais alegria,

Um dia, quando me desespere da amargura esfria.

Uma mulher me sorria. Primeira reação, por que tanta alegria?

É Professora da UCA, talvez não conhece agências?

Um dia ela me conta sua história,  
Que a dor, da perda de um filho, também entendia,  
Suas palavras atravessavam minha alma fria.  
A leucura de suas palavras, " PERDÃO" , um mês, na minha garganta fazia.

Como podia? alguém que a minha dor sentia,  
Ter tanto amor? Eu não entendia.  
Ela falava das escolhas que eu faria.  
O passado não importa mais. - Sorria!

Se eu escolhesse tê-lo de volta, eu teria,  
Como? Transformando o mundo das crianças.  
Que em sala de aula eu receberia.  
Não mais alunos, e sim filhos, amando-os como ele seria.

Essa é minha mãe Rita, de imensa sabedoria,  
Gentileza e ferocidade, sempre me defendia.  
Me senti amada. Me dava carão eu chorava, depois sorria,  
Rita e Rita Doutrina em gentileza, quero ter sua humanidade um dia.

" Pense nas outras pessoas, as pessoas precisam de amor" dizia,  
" Faça sempre seu melhor, mesmo quando ninguém tiver olhando" sorria.  
" Um homem desse tamanho chorando? Não, refaça sua tarefa e entregue" insistia  
" O choro não tira sua MASCULINIDADE, e sim acentua sua HUMANIDADE" repetia.

De igarapé ao mestrado, muitas curvas já enfrentei,  
Nem lembro mais de tanto que já chorei,  
O que dá Rita de mais realizações herdei?  
Através dela e Guilherme encontrei.

Joel Matias

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder essa oportunidade de aprendizagem incrível e, a minha família pelo apoio, ao meu amigo seu Hugo Padilha e família pelo apoio em Feliciano.

A todos os integrantes do projeto REC, que contribuíram para que esse trabalho acontecesse, e a todos os moradores da comunidade Feliciano.

Ao vô, Francisco de Assis, “CICI”, pelas conversas, e por confiar em mim para compartilhar sua história de vida, vô CICI, levarei para sempre em meu coração, seu bom humor, suas brincadeiras, e seu jeito sorridente de enfrentar as a diversidades da vida. Em memória.

A Dona Madalena Oliveira, pela hospedagem em sua casa e, por cuidar de mim como um integrante da sua família.

Ao Robson Melo, meu mano do coração, pelas conversas e por confiar em mim, para compartilhar sua história pessoais e suas experiências de vida.

Ao meu compadre Hudson Melo, que se tornou um irmão, obrigado pela sua dedicação e seus esforços em me ajudar nesse trabalho, eu sei o quanto foi difícil para você, enfrenta seu medo de câmera e suas inseguranças em falar em público, obrigado por confiar em mim, e por está comigo nos momentos mais difíceis desse trabalho.

Ao Silvanildo dos Santos, meu grande amigo, que nos momentos em que me sentia perdido na pesquisa, me abraçava e dizia, você vai conseguir, obrigado por me ajudar nos momentos mais difíceis e, pelas vezes que em campo, fez de tudo para me fazer sorrir, contando suas histórias, muito obrigado.

Ao Zacarias Martins, um dos caras mais incríveis que já conheci, com uma percepção de mundo muito aguçada para sua idade, obrigado por ouvir, minhas preocupações em campo, por chorar junto comigo, nas horas difíceis desse trabalho, e comemorar comigo nas horas de alegria, “Zak” só você sabe como foi difícil terminar esse trabalho, espero que um dia, eu possa ser seu orientador, você já é um grande cientista.

Ao Hibs de Aguiar e ao Edinei Vidal, meus manos do coração, obrigado pela dedicação ao REC, por passarem, horas em conversa comigo, obrigado por cada “pesca” entrevistas, e obrigado pelos conselhos “Sibá” você é um irmão para mim.

Agradeço as meninas, Raíla, Joele, Francimara, Tamina e Adrielle, pelas conversas, pelo carinho e Raíla, principalmente pelos seus conselhos, muito obrigado.

Ao meu orientador, que se tornou meu grande amigo, obrigado mano Gui, por ter acreditado em mim, por ter tido paciência comigo e, por ter visto coisas em mim que eu não via.

Aos professores Edson Tosta e Luiz Davi, por suas contribuições com esse trabalho, e pelo ambiente de aprendizagem agradável que criamos, assim como toda a liberdade de criatividade e inovação que os senhores me proporcionaram, durante a elaboração da escrita desse trabalho.

À FAPEAM pelo auxílio financeiro, recebido durante os anos de 2022, 2023 e 2024, que sem o qual, está pesquisa não teria sido possível.

*“Para nós ribeirinho, vemos a natureza como nossa cultura, para a gente que não sabe ler, o conhecimento não está nos livros..., o conhecimento está nas plantas, nos peixes, nos bichos, é com eles que aprendemos nossa cultura, você nunca vai ver um macaco pintando o cabelo de azul, eles são o que são e, não precisam imitar ninguém”, (Domingos dos Santos, integrante do REC, 51 anos, em entrevista), 2023.*

## **RESUMO**

Esse trabalho, tem como objetivo apresentar uma etnografia de um experimento pedagógico, que aconteceu em uma escola rural do município de Tefé – AM. Denominado Projeto Rádio Escolar Comunitária (REC), em que ribeirinhos construíram um projeto de educomunicação que criaram rádio poste, jornal impresso, produtora de audiovisual, cineclube e uma plataforma de formação para novos integrantes do projeto REC. Os ribeirinhos usam essa comunicação como arma de resistência na luta por uma educação de qualidade para seu território. Deste modo, o título desse trabalho se refere as origens do pesquisador e seu engajamento na luta pela comunicação popular. Esse trabalho mostra como aconteceu o processos de comunicação popular em uma comunidade ribeirinha, apresentando análises de como se dá os processos de comunicação livre, em uma comunidade rural.

Palavras-chave: Produção colaborativa, aprendizagem na prática, comunicação popular, ribeirinhos.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar una etnografía de un experimento pedagógico, que tuvo lugar en una escuela rural del municipio de Tefé – AM. Denominado Proyecto Radio Escuela Comunitaria (REC), en el que ribereños construyeron un proyecto de educomunicación que generó un polo de radio, un periódico impreso, una productora audiovisual, un cineclub y una plataforma de formación para los nuevos integrantes del proyecto REC. Los pueblos ribereños utilizan esta comunicación como arma de resistencia en la lucha por una educación de calidad para su territorio. Así, el título de este trabajo remite a los orígenes del investigador y su compromiso en la lucha por la comunicación popular. Este trabajo muestra cómo se dieron procesos de comunicación popular en una comunidad ribereña, presentando análisis de cómo se dan procesos de comunicación libre en una comunidad rural.

Palabras clave: Producción colaborativa, aprendizaje en la práctica, comunicación popular, ribereños.

## **LISTA MAPAS**

Mapa 1: Rota Manaus/Tefé.

Mapa 2: Rota Tefé/Caiambé.

Mapa 3: Rota Caiambé/Comunidade Feliciano.

## LISTA DE ABREVIATURAS

Centro de Estudos Superiores de Tefé.....	Cest.
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.....	CAPES.
Programa de Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia.PROCAD-AMAZÔNIA.	
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.....	PPGICH.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.....	PIBID.
Projetos de Didáticos de Gêneros.....	PDG.
Pronto Atendimento ao Cidadão.....	PAC.
Rádio Escola Comunitária.....	REC.
Secretária Municipal de Educação Esporte e Cultura .....	SEMEEC.
Secretaria Municipal de Educação.....	SEMED.
Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio.....	Senac.
Universidade do Estado do Amazonas.....	UEA.

## LISTA DE IMAGEM

- Imagem: 1 Crianças brincando no Barreiro.
- Imagem: 2 Jornal Escola produzido na Escola Estadual Professora Nazira de Litaiff Moriz.
- Imagem: 3 Marcelo Batista de Aguiar, fazendo manutenção nos equipamentos da rádio.
- Imagem: 4 Igreja católica onde iniciou a rádio.
- Imagem: 5 Oficina de manutenção e reinstalação dos altos falantes.
- Imagem: 6 Oficina prática de operação dos equipamentos de rádio.
- Imagem: 7 Oficina prática de informática.
- Imagem: 8 Logo da Rádio Curubé, criado pelo secretário da escola Rodrigo.
- Imagem: 9 Oficina de elaboração de roteiros, para o programa de rádio.
- Imagem: 10 Estreia do programa.
- Imagem: 11 Primeira edição do Jornal O CURUBÉ, em Feliciano, 2018.
- Imagem: 12 Os curubés convidando outros estudantes para o evento.
- Imagem: 13 1ª Camiseta do REC/2018.
- Imagem: 14 Apresentação no evento I mostra do projeto REC/2018.
- Imagem: 15 Apresentação no evento I mostra do projeto REC/2018.
- Imagem: 16 Fotos comemorativas do evento, I mostra do projeto REC/2018.
- Imagem: 17 Fotos comemorativas do evento, I mostra do projeto REC/2018.
- Imagem: 18 Ezequias Pires de oliveira.
- Imagem 19: Qr cod do facebook.
- Imagem: 20 Gabriel Nogueira.
- Imagem: 21 Qr cod do facebook.
- Imagem: 22 Coordenação do REC/2023.
- Imagem: 23 Livros artesanais produzidos no REC.
- Imagem: 24 Estudantes na casa de seu Pedro, ouvindo a história do mapinguari.
- Imagem: 25 Capa do livro Artesanal O Mapinguari, do estudante Zacarias.
- Imagem: 26 Esboço que fiz.
- Imagem: 27 Criação do Zacarias 6º ano/2018.
- Imagem: 28 Figurino do filme Mapinguari.
- Imagem: 29 Figurino do filme Mapinguari.
- Imagem: 30 Mapinguari, pronto para filmar.
- Imagem: 31 Elenco de mapinguari se ajudando.
- Imagem: 32 Capa oficial do filme O MAPINGUARI.

Imagem: 33 Canal do youtube.

Imagem: 34 Capa Oficial do filme ENCANTO.

Imagem: 35 Canal do youtube.

Imagem: 36 Capa oficial do filme O JANAÍ.

Imagem: 37 Canal do youtube.

Imagem: 38 Diretor do REC-AudioVisual.

Imagem: 39 Logomarca oficial do REC-AudioVisual.

Imagem: 40 Link pág fecebook REC-AudioVisual.

Imagem: 41 Link pág YouTube REC-AudioVisual.

Imagem: 42 Estudantes assistindo um filme.

Imagem: 43 Estudantes assistindo um filme.

Imagem: 44 Alessandro Nunes.

Imagem: 45 Logo CINECURUBÉ.

Imagem: 46 Link pág Fecebook.

Imagem: 47 Comunidade Feliciano no CINECURUBÉ.

Imagem: 48 Visita as comunidades para apresenta o cine clube.

Imagem: 49 Cine clube ao ar livre.

Imagem: 50 Zacarias Martins.

Imagem: 51 Logo REC-INCLUSÃO.

Imagem: 52 Link do Facebook.

Imagem: 53 Integrantes do REC, recebendo o cartão do auxílio estadual.

Imagem: 54 Aulas de informática.

Imagem: 55 Aulas de informática.

Imagem: 56 Parceria com o PAC, integrantes do REC, 1ª via do documento de identidade, foram tirados 16 documentos de identidades.

Imagem: 57 Parceria com SENAC – 2 integrantes do REC no Curso de Assistência de Logística.

Imagem: 58 Link RÁDIO CURUBÉ – Plantando Sonhos na Amazônia.

Imagem: 59 Desenho de como seria a casa da rádio curubé.

Imagem: 60 planta de como seria a casa da rádio curubé.

Imagem: 61 pagina 2/3, do relatório de desempenho pedagogico 2024.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1. NÉ QUI É?! – Ideias sobre comunicação e cultura.....	18
2. PRIMEIRAS REMADAS – Aprender aprendendo.....	20
<b>CAPITULO I - EI DE CASA.....</b>	<b>25</b>
1. DE ONDE QUI TU VEM?.....	25
2. E FOI MERMO NÉ?! – Primeiro contato.....	29
3. A COMUNIDADE FELICIANA – Lago do Caiambé.....	31
4. OLHA JA! – Primeiras impressões em Feliciania.....	34
5. FARRETEMPO!!! – PIBID/CAPS-UEA - Embrião do REC.....	39
6. CHEGA PARECE QUI FOI ONTI! – O Novo REC.....	43
6.1 Primeiro Passo: Construção da Rádio Escolar Comunitário - REC.....	43
6.2 Oficina 01: Universo do Rádio.....	45
6.3 Oficina 02: O Mundo da Informática.....	46
6.4 Oficina 03: Luz, Câmera, Ação.....	48
6.5 Estreia do Programa ao Vivo.....	50
6.6 Segundo Passo: Construção do Jornal Escolar.....	51
6.7 Agora Não Tem Mais Volta – É o jeito enfrentar.....	53
7. LÁ IN DENTRO – O pé de REC.....	56
8. OS CURUBES NA TELONA - REC-AudioVisual.....	59
9. LEVANDO A MAGIA DO CINEMA – CINECURUBÉ.....	70
10. PLANTANDO SONHOS - REC-INCLUSÃO.....	76
<b>CAPÍTULO II – NUN GABA NÉ?!!!!.....</b>	<b>83</b>
DOCUMENTÁRIO: RÁDIO CURUBÉ – Plantando Sonhos na Amazônia.....	83
<b>CAPÍTULO III – O CONFLITO É DA NOSSA NATUREZA?.....</b>	<b>84</b>
1. NUN GABA NÉ?!!!!.....	84
2. UMA OBSERVAÇÃO POR DENTRO.....	85
3. A REFORMA QUE SUSPENDEU O REC.....	90
4. AS LUTAS PELO CONTROLE DA COMUNICAÇÃO DO REC.....	95
4.1 O Jogo de dominação pelo medo.....	95
4.2 O oprimido usando máscara do opressor.....	99
4.3 As implicações da pesquisa na vida do novo cientista ribeirinho.....	100
5. SI SAINDO.....	105
REFERÊNCIAS.....	108

## INTRODUÇÃO

### 1. NÉ QUI É?! – Ideias sobre comunicação e cultura.

Nesse trabalho, estamos apresentando uma descrição de uma experiência etnográfica pedagógica, com discursões crítica, sobre o fazer comunicação popular, compartilharemos, como os povos originários, se apropriam da comunicação livre, tornando-a arma de resistência cultural em defesa do seu território.

Nossa etnografia, traz um relato de experiência que liga, o uso da comunicação popular à luta pela sobrevivência da cultura ribeirinha, transcrevendo como se dá essas relações sócias, entre a comunicação do colonizador e a cultura ribeirinha, sendo apresentada pela perspectiva do ribeirinho amazonense.

Estamos utilizando o termo “comunicação do colonizador”, como analogia, a comunicação que é praticada, como forma de controle da informação e, que acaba sendo usada para controlar as lideranças comunitárias, privando os ribeirinhos do conhecimento de direitos como cidadãos, controlando-o, não com argumentos ou uma boa oratória, mas com ameaças e punições, uma comunicação que domina os povos originários pelo medo.

Em uma realidade, onde o acesso a comunicação é controlado e utilizado para “amansar” as lideranças comunitárias, para poder sujeita-las a vontade de quem controla o acesso ao conhecimento, quem tem esse controle, dita as regras de formação para as futuras gerações, decidindo o que deve ser ensinado para as populações ribeirinhas.

Nessa realidade, os povos tradicionais, são vistos apenas, como um “rebanho manso”, pronto a obedecer qualquer ordem dada pelo opressor, mantendo-o no poder, criando novos ciclos de obediência pelo medo e, tornando as lideranças comunitárias, agentes fiscalizadores para que esse processo se repita, anos após anos.

Concordo que essa é uma boa estratégia de dominação, controlar as lideranças, ditando o tipo de educação que será feita nas comunidades rurais,

não com objetivo de uma educação libertadora, mas uma educação para manter o povo obediente e manso.

Porque, é bem mais fácil seduzir, as lideranças, com o poder de colonizar a mente das pessoas, os que se sente incapazes de encontra outro caminho, sem que seja o de entregar seu povo a escravidão do colonizador, colonizando-os seus parentes, tornando-os dócil, não pelo respeito a liderança originária, mas por medo de ser posto à margem da sociedade, da comunidade, voltando assim a ser considerado o “selvagem”.

Contextualizando com Freire, em pedagogia da autonomia, quando ele fala em liberdade, em ser livre, no contexto de educação libertadora “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

Quando a educação não para liberta, todo o ambiente se torna uma competição, onde os pares duelam no jogo da dominação onde o mais forte silencia o mais fraco.

É nesse contexto que surge a pergunta que orienta as investigações desse trabalho, como acontece os processos de comunicação popular dentro do projeto REC?

Selecionamos esse tema, por dois motivos, primeiros que somos ribeirinhos e, sentimos na pele, esse processo de silenciamento da nossa fala, onde em nossa região, não se pode questionar as formas em que é feita a educação do interior, realidade em que, o melhor fica na cidade e, o que sobra vai para as comunidades, sendo proibido fazer qualquer tipo de perguntas sobre esse tema.

O segundo motivo é que criamos e, vivenciamos uma experiência de comunicação popular, em uma escola ribeirinha na zona rural do município de Tefé no amazonas, onde uma rádio comunitária, um jornal, escolar, impresso, uma produtora de audiovisual e, um cine clube ao ar livre.

Nesse processo, testemunhamos o crescimento intelectual da juventude ribeirinha, as glórias da comunicação livre e, como acontece os ataques e as represálias, contra quem tenta lutar, por uma educação igualitária para a população ribeirinha.

O objetivo desse trabalho é compartilhar essa experiência, descrevendo os processos do fazer comunicação livres e suas aprendizagens na prática, destacando a resistência aos ataques a comunicação livre, analisando como acontece as lutas pelo controle da comunicação, vista pela perspectiva dos ribeirinhos envolvidos nesse processo e, analisando as relações entre a comunicação popular e a cultura ribeirinha.

## 2. PRIMEIRAS REMADAS – Aprender aprendendo.

Para iniciar esse tópico, eu queria transcrever aqui, parte de uma entrevista, que fiz durante minha obtenção de créditos, na disciplina Conhecimentos, Práticas Tradicionais e Aprendizagem na Amazônia, ministrada pela Professora Dra. Nelissa Peralta Bezerra, essa dinâmica proposta pela professora, vai nos ajuda a contextualizar o ambiente de aprende em que realizei a pesquisa.

O exercício proposto pela professora Nelissa, foi entrevistar uma pessoa que aprendeu algo “sozinho”, como sou fascinado pela vida do ribeirinho, me desloquei ate minha comunidade, pois sou professor de língua portuguesa do Ensino Fundamental II, nessa comunidade e, realizei essa entrevista com um de meus amigos/estudantes: Ediney dos Santos Vidal, 15 anos, Comunidade Feliciano, lago do Caiambé.

**SILVA J.M:** *Como ribeirinho, o que você aprendeu a fazer “sozinho”?*

**EDINEY:** *Aprendi a remar em uma canoa.*

**SILVA J.M:** *Por que você quis aprender?*

**EDINEY:** *Para andar de canoa, se mover com mais independência, para eu ir para onde eu quiser, sem estar chamando alguém para me levar lá.*

**SILVA J.M:** *Existe uma relação de ensino/aprendizagem nessa pratica? Como é essa prática?*

**EDINEY:** *Sim, para remar, você precisa, sentar na canoa, segurar bem o remo e, praticar, tem que ter cuidado, pra gente não derrubar o remo na água, não quebrar o remo na proa da canoa, e principalmente não cair na água.*

**SILVA J.M:** *Existe uma comunidade de aprendizagem? Quem são?*

**EDINEY:** *Sim, todo mundo que vive aqui, pescadores, trabalhadores da roça, remar é um meio de transporte, e é muito divertido também.*

**SILVA J.M:** *Como foi que você começou essa prática social?*

**EDINEY:** *Quando a mamãe, ia lá pro porto, lavar roupa na beira do rio, eu pegava a canoa e o remo e, começava a praticar, é fácil de fazer, tem que remar dos dois lados da canoa, se não ela fica só rodando, num sai do lugar.*

**SILVA J.M:** *Como foi que você aprendeu a remar?*

**EDINEY:** *Olhando meus parentes, praticando, errando e acertando mesmo, é importante aprender a nadar primeiro, eu tinha acho que 6 anos de idade, aprendi primeiro a anadar, para depois eu aprender a remar, porque a gente pode cair na água e até morrer.*

**SILVA J.M:** *O que você ganhou de bom, quando aprende a remar?*

**EDINEY:** *Liberdade de poder ir para onde eu quiser, eu mesmo ir pescar sozinho, atar minha malhadeira, ajudar a família na procura de peixes, fazer mandados para a minha mãe, ir nas outras comunidades passear, jogar bola.* (Entrevista SILVA J.M, 2023).

Com essa conversa, transcrita da entrevista, sobre a aprendizagem, quero contextualizar os aspectos sociais da vida do ribeirinho, eu gosto muito dessa entrevista, porque o Ediney, “Diny”, apelido de casa, foca em uma aprendizagem significativa para ele, mesmo eu lhe dando várias alternativas, para que ele pudesse escolher qualquer aprendizagem para relata.

Aprender a remar, para nós ribeirinhos, é o equivalente a saber pegar o ônibus certo para ir de casa, para a escola, pode até parecer uma aprendizagem simples, mais é fundamental e, é uma aprendizagem na prática, (Jean Lave), onde se aprende observando e fazendo.

Nesse trabalho, trataremos uma descrição de uma aprendizagem na prática e, também uma etnografia dos povos ribeirinhos da comunidade Feliciano, onde foi realizado o trabalho de campo, em que ribeirinhos construíram um projeto de comunicação popular e, usam essa comunicação como arma de resistência, para defender sua identidade cultural, buscando melhorias para a educação do interior.

Os caminhos pelos quais, decidimos percorrer, durante esse trabalho, foram os da etnografia dialógica, contextualizando com Vaz, Florêncio, para construímos uma etnografia dos povos da comunidade Feliciano, utilizamos diário de campo, observando as orientações de Winkin, Yves, para nossa

comunicação, como os colaboradores desse trabalho, nos orientamos pelo trabalho de Kaplún, Mario, que traz sua comunicação, partindo do princípio de ouvir primeiro, para depois falar, ligamos essa ideia a dialogicidade de Freire, para construir a comunicação descrita nesse trabalho.

Nos baseamos em Amarante, Maria, para construirmos nossos conceitos de rádio comunitário na escola e, gostaríamos muito de contribuir para o campo da antologia visual, portanto, elaboramos juntos com os integrantes da pesquisa, um documentário etnográfico, para o tal, nos baseamos nos trabalhos de Rouch, Jean.

Para Rouch o documentário etnográfico é a imagem filmada, preservando os acontecimentos sociais e culturais, na intenção do realizador e da intencionalidade do povo que vivem o fato registrado.

Na produção do documentário, gostaríamos de recorrer a uma observação por dentro (Mathias), pois o documentário é a visão dos integrantes do projeto REC, conversando com a antropologia compartilhada de ROUCH.

O objetivo desse trabalho é transcrever, uma experiência de aprendizagem colaborativa, que aconteceu dentro do projeto Rádio Escolar Comunitária - REC, valorizando a sabedoria ancestral dos povos ribeirinhos, essa descrição será pela perspectiva do ribeirinho amazônico.

Nas análises de dados, existem as percepções de mundo dos meus amigos/colaboradores, que confiaram em mim, para falar o que é a comunicação para eles, sem medo de qualquer tipo de repreensão, silenciamento ou de ser ridicularizado, pois criamos uma relação de amizade.

Para construção de nossos dados, nos apropriamos das técnicas de entrevistas abertas, e durante as atividades de pescas ou trabalhos na roça, onde pude realizar minhas observações participante, iniciávamos uma conversa informal e íamos introduzindo as perguntas da pesquisa dentro do nosso diálogo.

Durante o ano de 2023, morei na casa do seu Hugo Padilha, onde tive a incrível experiência de acompanhar as rotinas da casa, realizar minhas observações e entrevistas, compartilhei essa moradia durante um ano.

Justifico-me aqui, com a academia, pois desejo ser o mais fiel possível nas transcrições das falas e exemplos dos meus colaboradores, pois penso que esse

trabalho também é deles, por tanto justifico o uso da linguagem informal aqui utilizada.

Escrevemos esse trabalho para os amigos/colaboradores da pesquisa e meus parentes ribeirinhos, optamos por uma linguagem que se aproxima do dialeto local, mas que também possa ser entendido por outros leitores, afinal esse é um trabalho de comunicação e desejo me comunicar com todos.

O motivo para eu optar em usar esse estilo de escrita, é que alguns colaboradores desse trabalho, são pessoas que ainda não foram alfabetizadas e, eles podem pedir para qualquer pessoa ler o trabalho para eles, assim decidi usar uma linguagem comunicativa.

Sabemos o quando o uso da norma culta, da língua portuguesa, é importante, para a comunicação em nossa língua, língua essa que a nós foi imposta pelo colonizador, de forma violenta e desumana, que nos acorrentou a uma norma que só é seguida por uma minúscula elite privilegiada, afastando e silenciando os que não tiveram a oportunidade de acessar esse conhecimento, e estão a margem dessa comunicação formal.

Penso que a forma oral, a qual os ribeirinhos se comunicam, esbanja beleza, tanto semântica, quanto fonética e, que qualquer linguista ficaria em grande admiração, com tantas variações de expressões, significados originais, que cada termo apresenta, e que são criados no dia-a-dia.

Apresento nesse trabalho a transcrição de minhas observações etnográficas, durante os 6 anos, em que convive na comunidade Feliciano, onde construí, junto com meus alunos, um projeto de comunicação popular, onde foi criado, uma rádio comunitária, um jornal comunitário impresso, uma produtora de áudio visual e, um cineclube itinerante, também, trago análises teóricas, realizada por ribeirinhos considerados “analfabetos”, que não possuem um certificado de alfabetização, mais um brilho da sabedoria ancestral.

Estamos trazendo o poder da análise reflexiva dos ribeirinhos, que não foram alfabetizados, mas possuem uma consciência de si mesmo, e de seu lugar no mundo, mesmo não sendo reconhecidos formalmente, continuam contribuindo com a educação do nosso país, preservando seus costumes e ritos ancestrais.

Organizamos esse trabalho em três capítulos, escrevemos com muito carinho, e lhe convidamos a embarcar em nossa canoa, para remarmos juntos, desvendando as curvas desse trabalho; no primeiro capítulo, a gente apresenta nossas contextualizações e, a história do REC, nossas referências teóricas, estão distribuídas no corpo do trabalho, aqui ousamos em construir, o segundo capítulo em audiovisual, onde os integrantes do projeto REC, contam como eles viveram a construção do REC, no terceiro capítulo, traremos uma descrição de como foi construído o documentário etnográfico.

Também, no terceiro capítulo traremos uma antologia, onde volta a aparecer os “coronéis de barranco” lá da época dos seringais, agora com outra roupagem mas com a mesma forma de dominação pelo medo.

## **CAPITULO I - EI DE CASA...**

### **1. DE ONDE QUI TU VEM?**

Eu sou Joel Matias da Silva, nasci em uma comunidade ribeirinha chamada saia, em um igarapé, chamado Bauana, dentro do lago de Tefé, município de Alvarães, Amazonas, sou ribeirinho, vivi minha infância como ribeirinho, na casa de meus pais, somos 10 irmãos, sendo 3 mulheres e 7 homens, sou o quarto filho.

Vivi na casa dos meus pais até meus treze anos de idade, quando resolvi sair de casa e seguir meu próprio caminho. Eu sempre fui esquisito, diferente dos outros irmãos, ser um ribeirinho tem suas particularidades, trabalhar na roça, aprender as técnicas avançadas de caça e pesca, assim como conhecimentos diversos, sobre a terra, quais são as melhores referentes aos objetivos desejados do que se quer plantar, é um serviço bom, que é uma tradição, esses conhecimentos são passados de pai para filho, cumprindo o ciclo nascer, crescer, aprender a trabalhar, casar-se, e se construir a próxima geração de ribeirinho.

Meu pai é um homem muito tradicional, analfabeto, ele e minha mãe, que é uma mulher típica aos padrões do ribeirinho tradicional, minha mãe nunca teve voz em casa, sua função era de submissão total ao seu esposo, meu pai nunca foi agressivo, nem violento, mas é o dono da verdade e da razão, não se argumenta com ele, algo muito conveniente ao machismo.

Minha mãe assumiu a responsabilidade de educar os filhos e, a nos subordinar ao meu pai, meu pai era o alfa e todos deviam acatar suas ordens, sem questionar, ele era o líder, tudo era muito feliz, tínhamos uma casa grande, muitas terras para plantar, cada um dos irmãos tinha sua própria rede para dormir, um luxo, algo como cada filho ter seu próprio quarto, na cultura do homem branco europeu.

Nossas terras, não eram marcadas por GPS (Global Positioning System), e sim pelos limites formado por duas nascentes de água, dois igarapés, ao leste o igarapé do cabeçudo e ao oeste o igarapé da Júlia, isso do lado esquerdo do rio

Bauana, essas terras eram do meu bisavô, que trabalhou nos seringais na época da borracha.

Um dia fomos visitar a casa de meu avô materno, seu Antônio, era comum visita-lo aos fins de semana, almoçamos na casa dele, eu tinha 10 anos de idade, após o almoço, meu avô foi nos dar uns presentes, era tradição, aos meus irmãos ele deu algo como flechas, arcos, remos, cuia, ele era muito bom artesão.

Quando chegou minha vez, confesso que eu queria ganhar um punhal que meu avô tinha feito, era um punhal com a lamina branca, acho que de aço, o cabo foi feito com o marfim, do dente de um jacaré-açu, esculpido no cabo a cabeça de uma onça, uma obra de arte, desejado por todos os netos.

Na minha vez, ele me chamava de espeta caju, uma referência ao meu cabelo muito liso, meu avô saiu da sala, em direção ao seu quarto, retorna trazendo na mão um livro, era um livro de biologia do II ano do ensino médio, desses livros didáticos mesmo, que se dá nas escolas, ele me dá o livro e diz que eu ia gostar.

Eu começo a foliar o livro e a me encantar com tantas imagens e palavras que eu não conhecia, pois fui alfabetizado, brincando com meus primos que moravam na cidade de Tefé, quando de férias eles iam para a minha comunidade passar as férias, lá brincávamos de escolinha e foi assim que fui alfabetizado, é, eu avisei que eu sou esquisito, meu pai não gostava que eu estudasse.

Na mente do meu pai, estudar é para quem não tem coragem de trabalhar, o conceito do trabalhar para meu pai se limita ao serviço da roça, nos meus momentos de folgas do trabalho na roça, eu me deitava, na minha rede e ficava foliando meu livro, imaginando o que deveria está escrito lá.

Minha cabeça voava, o primeiro texto que pude decifrar, ou deduzir, pelas imagens e palavras que eu conhecia, falava sobre o reinos das plantas, lembro com muita emoção, foram dias silabando, “as plantas nascem, crescem, se reproduzem e morrem”, isso é muito o que meu avô dizia, a floresta está viva.

Continuei tentando ler mais, um dia eu pedi para minha mãe, que eu queria estudar, esqueci de mencionar, na minha realidade, estudar é coisa de mulher, os homens devem trabalhar para sustentar a casa, portanto naquela época só minhas irmãs podiam estudar.

Minha mãe repassou meu pedido para meu pai, que reagiu com uma bronca, para ele, era uma ofensa, eu querer estudar, ouvi a discussão, meu pai falava “esse menino é estranho, primeiro livro, agora estudar, ele quer virar mulher” minha mãe como sempre, permaneceu calada, no outro dia ela me deu a resposta, meus irmãos ficaram sabendo e eu fui zoado por meses.

Durante o tempo de zoação, meu livro sumiu, eu trabalhava na roça, o livro ficava em casa, foi uma penitência procura-lo, era como ter drogas ilícitas e elas sumirem, não tem como denunciar, eu não podia levar a queixa ao meu pai, ele não me queria com o livro, então eu descobri que foi meu pai quem jogou o livro.

Aos treze anos decidi saí de casa, para poder estudar, meu pai viu como ato de rebeldia, foi um desastre, minha mãe foi quem pegou a culpa, de não ter me educado direito, mas não foi isso, eu que sou esquisito mesmo.

Estudei em uma escola formal, aos treze anos de idade, fiz o EJA, modalidade de Educação de Jovens e Adultos, fiz o Ensino Fundamental II, fui pai aos 16 anos de idade, logo na minha primeira relação sexual, pois não tive orientação sobre esse assunto, era coisa proibida de se falar em casa, e eu pensava que eu só seria fértil aos 20 anos, tive que assumir grandes responsabilidades muito cedo.

Meu pai não quis saber da criança, nem quis me ajudar, tive que enfrentar tudo sozinho, meu ex-sogro foi muito compreensivo e me ajudou, morei “casado” na casa dele por dois anos, depois me separei por não saber lher dá com os ciúmes da vida de casado, nós dois éramos muito ciumentos.

Aos dezessete anos, fui servir ao Exército Brasileiro, o qual sou muito grato pela formação, no Exército foi onde tive minha primeira grande oportunidade na vida, aproveitei ao máximo, terminei o Ensino Médio, fiz boa parte da graduação em Letras.

Durante minha estadia no Exército, desempenhei funções de grandes responsabilidades, sendo promovido por merecimento ao posto de cabo, auxiliar do Chefe de Estado Maior do Comando da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, em Tefé, Amazonas.

Particpei de várias missões operacionais, fiz alguns cursos de fuzileiros de selva, fiz infantaria de selva, servi no Pelotão de Operações Especiais de Selva

- PELOPES, sempre alcançando bons resultados pois a “selva” que para mim é a mata, sempre esteve em mim, passei sete anos no Exército, fui licenciado por tempo de serviço, pois era militar temporário, servi o Exército no período de 2005 à 2012.

No ano de 2011, mais precisamente no dia 16 de outubro, eu estava na praia da ponta branca, ponto turístico da cidade de Teté, quando recebi uma ligação da minha ex-esposa, ela me avisou que havia acontecido um acidente com nosso filho, ele morava em Manaus, pois demos a guarda para o avô materno, que se mudou para manaus.

Meu ex-sogro foi ao shopping, assistir um filme, bem próximo a sala de cinema havia um “playground”, um parquinho, onde ele deixou o meu filho brincando e foi ao cinema, durante esse tempo passa um assaltante que fugia da polícia e tentou se esconder onde as crianças estavam.

Quando ele entra na sala, onde as crianças brincavam, o assaltante faz um disparo para cima e, começa uma grande confusão dentro da sala, pois havia muitas criança no local, Maik meu filho, corre em direção ao assaltante e tenta passar pela porta, o assaltante o empurra com a arma e, faz outro disparo a queima-roupa.

O disparo acertou a cabeça de Maik que faleceu na hora, foi um momento muito difícil da minha vida, eu já estava no meu segundo casamento e tive muita dificuldade em enfrentar a situação, pensei em suicídio, eu me sentia muito culpado pela morte do Maik, pois dei a guarda para o avô.

É no meio dessa tormenta que conheci a Rita, Professora Doutora Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra, a conheci na graduação, uma das mulheres mais incrível que já conheci, ela me ajudou muito a superar minha perda, compartilhando sua história de vida e me dando muitos conselhos.

Um dia ela me disse que o único meio de ter o Maik de volta, era se eu escolher receber os meus alunos em sala de aula, com se eles fossem o Maik, isso sim traria o Maik de volta, tornar os meus alunos meus filhos e, foi esse amor que fez eu querer ser um professor.

Casei, aos 23 anos, com a senhora Alessandra de Lima Souza Matias, minha atual esposa, a qual estamos casados há 15 anos, tenho dois filhos Geovana

Emily Souza Matias, de 14 anos, e Samuel Geovanny Souza Matias, de 05 anos, sou professor ribeirinho, especialista em letramento digital, amo minha profissão, sou comunicador popular e produtor audiovisual, sou muito feliz com minha profissão e sou apaixonado por aprender.

## 2. E FOI MERMO NÉ?! – Primeiro contato

No ano de 2018, concluí o curso de licenciatura plena em Letras/Língua Portuguesa. Me inscrevi no processo seletivo, para professor do Ensino Fundamental II, da zona rural, da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), do município de Tefé. Fui aprovado e, lotado na Escola Municipal Rural Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na comunidade Feliciano, Lago do Caiambé.

Após a publicação oficial do resultado final do processo seletivo/2018, entreguei minha documentação no RH da secretaria municipal de educação, e fui orientado a aguardar o gestor da escola, na qual eu estava lotado, entrar em contato comigo, para combinarmos o deslocamento da cidade de Tefé para a comunidade onde eu iria trabalhar.

O motivo pelo qual me escreve para ser professor da zona rural, foi pela quantidade de vagas existente, lá havia mais vagas, eu estava precisando muito do “emprego”, tinha acabado de concluir a graduação, estava querendo muito trabalhar, eu não imaginava como esse “emprego”, mudaria minha vida, minha percepção de mundo, meu mundo, minha história de vida.

O dia marcado chegou, eu estava ansioso, pois nunca tinha ido à comunidade Feliciano, nem conhecia nenhum dos professores, nem o gestor com quem eu iria trabalhar, fiquei apreensivo.

Fomos em uma lancha rápida no trecho Tefé/Caiambé, chegando em vila de Caiambé, desembarcamos da lancha, e ficamos aguardando quem nós levaríamos até Feliciano, essa espera, eu aproveitei para conhecer um pouco mais sobre os meus colegas de trabalho.

Então eu avistei lá no horizonte, uma canoa com um motor, sendo dirigido por dois adolescentes, um vestia uma camisa da seleção brasileira e o outro estava como o rosto coberto por um capuz, ao chegarem no porto, onde nós estávamos, o primeiro me olhou e sinalizou um sorriso tímido, respondendo

nosso boa tarde, enquanto o segundo só acenou com a cabeça, em sinal de afirmação, mais tarde o segundo seria um dos meus grandes amigos.

Embarcamos na canoa, éramos 7 professores, demoramos em torno de uma hora, até chegarmos na comunidade de Feliciano, era época de cheia, então foi rápido.

Desembarcamos, fomos até a casa dos professores, eu fiquei em um quarto de 1,5 metros por 2, a casa dos professores é a última casa da comunidade, esta tinha 6 quartos, uma cozinha pequena e um banheiro que estava inutilizável, por falta de manutenção, não havia sala, na casa dos professores. Os moradores da casa, ficavam nos quartos ou na cozinha, não tinha uma área de convivência na casa dos professores.

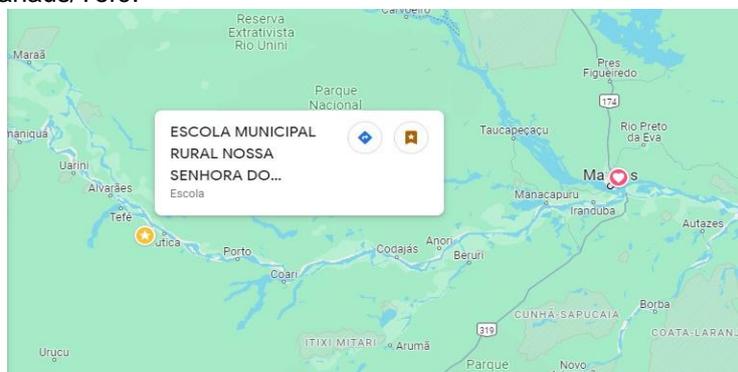
Minha primeira noite na comunidade, foi marcada pela experiência de uma noite de muito calor, sem ventilador, regada por muitas carapanãs sovela, a comunidade estava sem energia elétrica.

Feliciano recebeu, o programa do governo federal, Luz para todos, porém na prática, quase não há energia elétrica, em uma manobra política, quando chegou os cabos de energia elétrica, vindo da cidade de Tefé, foi solicitado pela prefeitura de Tefé, a doação do gerador de energia da comunidade Feliciano, para ser enviado a outra comunidade. Assim, ficamos sem um gerador de emergência, algo que faz muita falta até os dias de hoje, pois o serviço prestado pela empresa de energia elétrica não é eficiente, é comum a falta de energia elétrica.

### 3. A COMUNIDADE FELICIANA – Lago do Caiambé.

A cidade de Tefé, está localizada a 521 km, da capital do Amazonas, Manaus. A comunidade Feliciano, fica a 42 km da cidade de Tefé, na zona rural do município, no médio Solimões.

Mapa 1: rota Manaus/Tefé.



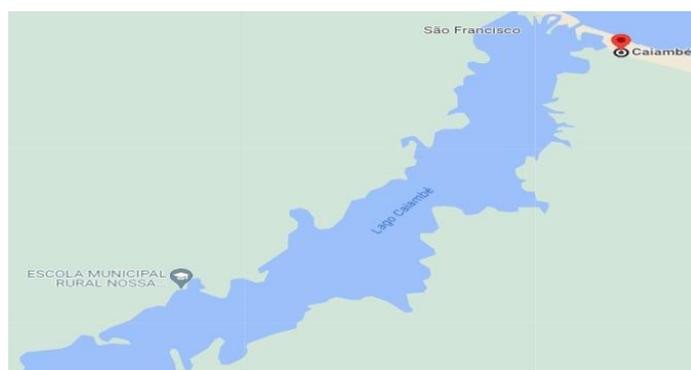
Fonte: <https://www.google.com/maps>, 2024.

Mapa 2: rota Tefé/Caiambé.



Fonte: <https://www.google.com/maps>, 2024.

Mapa 3: rota Caiambé/Comunidade Feliciano



Fonte: <https://www.google.com/maps>, 2024.

Feliciano é a primeira comunidade a margem direita do lago de Caiambé, possui 68 casas, as casas são de madeira, algumas mistas, madeira e alvenaria, distribuídas ao redor do campo de futebol e da escola, possui três ruas de chão batido; uma escola chamada Escola Municipal Rural Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que atende as modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, EJA e Ensino Médio por mediação Tecnológica.

Possui um posto de saúde, duas igrejas, uma católica e, outra evangélica, que vivem em harmonia, a igreja evangélica às vezes participa dos assuntos da igreja católica e ambas se ajudam, juntamente com a escola, a divisão política local, é entre a igreja católica, igreja evangélica e a escola, essas três instituições são os poderes políticos da comunidade.

A população é formada por 388 pessoas, sendo: 53 homens com idade entre 18 a 75 anos, 73 meninos com idade entre 10 a 17 anos e, 43 crianças do sexo masculino com idade entre 0 a 9 anos; 62 mulheres com idade entre 18 a 64 anos, 82 meninas com idade entre 10 a 17 anos e, 57 crianças do sexo feminino com idade entre 0 a 9 anos e, 16 crianças de 0 a 11 meses e, mais 2 mulheres indígenas da etnia tucanos.

A economia local é baseada na agricultura familiar, fabricação de farinha de mandioca, de modo artesanal, algumas famílias recebem o auxílio do governo federal, bolsa família, também existem pequenos comércios, no ano de 2023, veio a chegada da Internet, que é revendida em forma de fichinhas, essa internet é de uso privado, um morador comprou o equipamento para fazer a revenda do acesso à rede global.

Essa população se declara como ribeirinho, eles incluíram-se nessa categoria porque segundo eles, eles não realizam somente uma tarefa para sua sobrevivência.

*“Por exemplo o agricultor vive do que planta, o pescador vive da pesca, castanheiro vive da castanha, mas o ribeirinho ele faz tudo isso e mais, ele planta sua roça, ele pesca para ele comer, ele junta castanha até sua roça ficar madura, caça para ele comer, outros são pequenos comerciantes, por isso eu me considero um ribeirinho”. (Hugo Padilha 48 anos, em entrevista), 2023.*

Os acordos matrimonial são comum entre parentes de terceiro grau, também é comum ter filhos fora do casamento, quase não há brigas entre as crianças, por serem de pais diferentes ou morarem juntos na mesma casa, as crianças são criadas todas juntas, brincam juntas e, é comum as crianças fazerem as refeições em qualquer casa na comunidade.

Os pais só se preocupam com “onde as crianças estão” quando cai a noite, algumas vezes eu vi as mães, indo buscar seus filhos nos locais de brincadeiras, no campo de futebol, na praia ou no barreiro<sup>1</sup>.

O barreiro, é um ecossistema muito importante para comunidade e as crianças, é, no barreiro que elas praticam suas aprendizagem de pesca.

Figura:1 Crianças brincando no Barreiro



Fonte: SILVA J.M (2023).



Fonte: SILVA J.M (2023).



Fonte: SILVA J.M (2023).

---

<sup>1</sup> Quando, no período da seca, o lago do Caiambé seca, fica apenas um pequeno córrego, o fundo do lago se torna uma planície, esse lugar nós chamamos de barreiro, é o fundo do lado, quando fica exposto durante a seca dos rios.

#### 4. OLHA JA! – Primeiras impressões em Feliciano.

Minha chegada na Comunidade Feliciano foi no ano de 2018, cheguei a tarde, pela manhã, do outro dia, fomos a uma reunião da comunidade, onde deveríamos ser apresentados como corpo docente, começou a reunião, fomos apresentados e, após nossa apresentação, iniciou-se uma confusão na reunião, o assunto era referente a um problema administrativo que tinha sido mal resolvido, no ano anterior.

Os pais dos estudantes não concordavam que aquele gestor, continuasse na gestão da escola, então um ancião se pronunciou, ele disse que concordava, que todos os professores eram bem-vindos, só não aceitava o gestor, o ancião pediu para nós professores saíssemos da reunião, para que eles resolvessem a situação com o gestor, voltamos para a casa dos professores.

Alguns professores foram para casa de seus amigos, na comunidade, seus conhecidos, eu não conhecia ninguém da comunidade, então fui fazer o almoço, pensando o que será que está acontecendo? A conclusão dessa reunião foi que o gestor e sua esposa, retornaram para a cidade de Tefé-Am. Onde foi realizada a substituição por outro gestor para a escola.

Na semana seguinte chegou a nova gestão da escola, em quando isso nós professores realizamos os reparos na casa dos professores, realizamos a manutenção no banheiro, e construímos uma rede de encanamento de água até a casa dos professores, fizemos serviços de limpeza da casa que estava abandonada, rodeada de capim.

No meu primeiro dia de aula, onde pude conhecer os estudantes com quem eu iria trabalhar, eu estava muito animado, porém a reação deles não foi positiva, eu cheguei na sala, conversando com eles, perguntando como tinha sido as festividades de final de ano, o que causou um certo espanto neles, eu fiquei incomodado por não ter um diálogo fluente com os alunos, só mais tarde que eu soube que não era normal, o professor ter conversas informais como os estudantes, dentro da sala de aula só devia ser falado assuntos referente a disciplina.

No primeiro dia de aula dei 4 tempos de aula, e foi muito frustrante, não ter me comunicado com nenhum deles, percebi que quando eu os olhava nos olhos,

eles abaixavam suas cabeças em sinal de submissão. Sempre que eu fazia uma pergunta direta, a resposta era um “eu não sei”.

Passa-se um mês e eu já estava muito incomodado com aquela dinâmica, “copiar no quadro e dar um visto no caderno”, na última semana do primeiro mês, antes de retornarmos para a cidade de Tefé, pois ficávamos três semanas na comunidade e, víamos a Tefé, comprar suprimentos e retornávamos a comunidade, notei que alguns alunos gostavam de ouvir músicas, e as vezes nos intervalos, troca de professores, eles ficavam ouvindo música em sala, gravei isso na mente, pensando uma forma de eu me comunicar com eles.

Quando voltamos de Tefé, ao subir na comunidade, no caminho em direção a casa dos professores, passei ao lado da igreja católica, percebi que a igreja possuía um sistema de som, alto-falante, conhecido como “boca de ferro”, lembrei de uma experiência que vivi na cidade de Tefé, na Escola Estadual Professora Nazira de Litaiff Moriz, onde executamos um projeto, que apresentou bons resultado, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPS-UEA.

Com a ideia na mente, o que eu queria mesmo era me comunicar com os estudantes, pois a aprendizagem praticada na escola era o ensino bancário, (Freire), era legível a passividade dos estudantes, o que me incomodava bastante, os estudantes também esperavam a validação do professor em tudo que eles faziam em sala de aula, era muito comum que os professores olhassem caderno por caderno de cada estudantes, validando a aprendizagem dos mesmos.

Essa olhada de caderno, eu não tenho nada contra, porém aqui os estudantes queriam mostrar que copiavam “direitinho”, eles esperavam de mim, algo como “muito bem, você copiou certinho”, nada contra esse método, mais nessa realidade, comunidade Feliciano, os estudantes a que me refiro, são do ensino fundamental II, eles estavam sendo “domesticados, e infantilizados, como se eles precisassem de um suporte para pensar ou, como se eles não fosse capazes de inventar algo novo, inovador, original e, era isso que estava me sufocando em sala de aula.

No segundo mês, quando retornamos as aulas, eu levei meu notebook e minha caixinha de som, para a sala de aula. Cheguei um pouco mais cedo em sala, coloquei uma música, era um experimento, os estudantes foram chegando em sala, sentando em seus lugares, eu avisei “gente ainda não tocou o sinal para entrar, podem sair e entrar depois, fiquem à vontade”.

Eles permaneceram em sala, sutilmente comecei a observá-los, entre algumas mexidas de pés, acenos com a cabeça, batidas discretas no caderno, simulando uma bateria, em ritmo das músicas, deslumbra-se alguns sorrisos, tímidos de canto de boca.

Não demorou muito e, fui surpreendido com um “quem é esse cantor aí professor”, quem me perguntava era o estudante Alexandre do 6º ano, esse mais tarde seria um dos meus grandes amigos, o qual me ensinou que é necessário sim ouvir e respeitar uma criança. “*A gente é criança, não é doido não, a gente escuta as pessoas falando, ver as coisas sendo feitas, a gente sabe fazer sim, só não deixam a gente fazer, porque a gente é criança, eles não deixam a gente falar*” (Alexandre 6º ano, em entrevista), 2018.

Puxamos conversas, falamos sobre músicas e, o sinal para iniciar as aulas tocou, iniciamos a aula, no primeiro momento, quando todos já estavam em sala, eu coloquei uma música para tocar, a música foi “vermelho” do cantor e compositor amazonense Chico da Silva, 1997, interpretado por David Assayag.

Essa música é uma toada de boi, tem um ritmo contagiante e, por mais incrível que parecesse a mim, eles não conheciam o ritmo toada, eram crianças entre 10 a 16 anos e, com a expansão da era digital (Levi Piere) as novas gerações consomem mais outras culturas, desconhecendo a sua cultura local.

Contextualizando com Vaz, Florêncio, precisamente no trabalho “*O nativo revestido com as armas da antropologia*”, 2008. Onde o autor apresenta várias estratégias de comunicação, para conseguir engajamento do seu povo, como uso do teatro, reconstruindo as lutas dos povos originários contra o colonizador.

Assim eu recorri a música, como método para despertar o interesse dos estudantes, pela comunicação, pois estávamos explorando um gênero musical, desconhecido para eles.

Eles gostaram do ritmo, assim eu pode fazer uma aula de interpretação de texto, utilizando a letra da música como texto, método que eu já tinha usado antes, primeiro ouvimos a música duas vezes, depois eu fiz alguns comentários, sobre o que a letra diz, em seguida copiei no quadro algumas perguntas sobre a letra da música, para minha surpresa o aproveitamento foi muito bom, todos participaram da aula. Finalizou essa aula no sexto ano e, foi para a próxima turma.

Eu estava tão feliz, em ter iniciado um processo de comunicação com aquela turma, que me contive nas outras turmas, copiei um assunto do livro didático, sem tentar conversar com a turma, como eu sempre fazia, sem sucesso, dessa vez eu fiquei quieto, isso no sétimo ano, no oitavo ano, repeti o mesmo procedimento, entrar na sala, cumprimenta-los com um boa tarde, que não era respondido, fazer a chamada e começar a escrever no quadro.

Não demorou muito, o silêncio desconfortável foi rompido por um, “professor o que o senhor estava fazendo lá no sexto ano? Só então eu percebi que eu tinha a atenção deles.

Imediatamente eu parei de escrever no quadro, puxei a cadeira do professor, coloquei-a com o encosto virado para frente, sentei apoiando os braços no encosto, ficando em uma posição bem confortável, para transmitir que o diálogo nas minhas aulas é a parte mais importante, os livros já estão escritos não vejo necessidades de replica-los.

Então eu respondi: estávamos ouvindo músicas! Vocês gostam de músicas? Responderam sim, gostamos, iniciamos um diálogo que levou alguns minutos, esse foi o primeiro diálogo proposto por eles, eu estimulava a conversa mais sempre deixando eles falarem mais, eu queria mesmo era me comunicar.

Soares chama esse processo de Educomunicação, também usada como uma estratégia de aprendizagem, (SOARES, 2000), aliando ao pensamento da educação freiriana, educação em que há significação do que está sendo aprendido, onde há reflexão, contextualização do porque estamos fazendo isso e o que isso significa para nós.

Educação através da comunicação, baseado no diálogo entre educando/educador, onde a comunicação acontece de forma horizontal, o

educador foca no processo comunicativo e, não em reproduzir monólogo, o educador escuta os educandos, e constrói junto com eles a comunicação (KAPLÚN, 1985).

Para terminar aquela conversa eu perguntei quais os gêneros musicais que eles ouviam? Obtive várias respostas, fiquei muito feliz em eles estarem participando da interação.

No nono ano, a sala de aula, era nas dependências da igreja católica, havia apenas três estudantes naquela turma, ao entrar em sala, após cumprimentá-los, eu os convidei a ouvir uma música, percebi que eles queriam falar da aula que dei no sexto ano, após a música, conversamos um pouco, eu observei, os equipamentos de rádio, que havia ali na sala onde estudávamos, então lancei a proposta, vamos fazer uma rádio aqui na escola?

Para a minha surpresa, a resposta foi vamos! Tocaremos música, faremos programas de rádio, entrevistas, notícias, como na rádio mel FM de Tefé, argumentei, espalhou-se sorrisos em sala, e sinalizou o final do tempo de aula.

Comecei a escrever uma sequência didática para entregar na coordenação da escola, essas burocracias de documentação escolar, nas aulas eu passei a perguntar mais, onde se pega mais peixe? Onde se tira açaí? O que eles faziam após as aulas? passei a interagir mais e, receber mais respostas, comecei a me aproximar deles, avisei que eles podiam trazer uma música para nós ouvirmos juntos, em sala de aula.

Foi-se mais um mês de aula, fomos à Tefé, então dessa vez, houve uma formação pedagógica, realizada pela equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED/2018), a oficina Projetos Didáticos de Gêneros PDG, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra, esta foi minha professora na graduação e uma grande amiga, em minha carreira profissional.

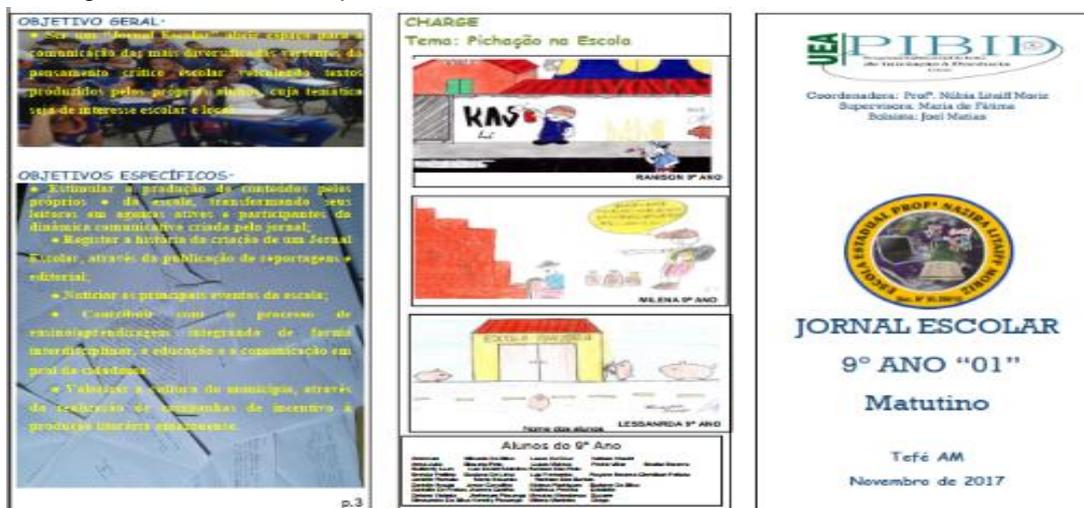
## 5. FARRETEMPO!!! – PIBID/CAPS-UEA - Embrião do REC.

Durante a formação, tínhamos que elaborar um projeto didático que contemplasse os gêneros textuais, já pensando na proposta de criação da rádio, em Feliciano, escreve sobre os gêneros musicais, elaboramos algumas seqüência didáticas, baseadas nas experiências que eu vivi, durante minha atuação na Escola Estadual Professora Nazira de Litaiff Moriz, como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES-UEA, onde executamos um projeto, que criamos uma rádio, e um jornal escolar.

A minha experiência no PIBID, foi muito gratificante, rendeu algumas publicações e apresentações em eventos na Universidade Estadual do Amazonas - UEA, como todo bolsista, eu tinha algumas limitações, pois eu ainda estava em processo de formação porém, eu tive a grande honra de trabalhar com a maravilhosa professora Dr<sup>a</sup> Núbia Litaiff Moriz Schwamborn, a qual foi minha professora na graduação e minha coordenadora no PIBID, minha supervisora também era muito incrível, me deixava muito à vontade para eu inovar, e sempre me dava ótimas dicas para eu me comunicar com os estudantes, na culminância do “Projeto Argumento e saber popular”, meu primeiro projeto, que escrevi no PIBID, em 2017, apresentamos a rádio Nazia e o Jornal Nazira, foi uma grande realização.

Esse jornal tinha uma parte digitada e outra parte escrita à mão mesmo, pois na época, eu não tinha computador, nós utilizávamos o laboratório de informática da escola, porém, precisava ser agendado para ser usado, não dava muito certo, então para finalizar o jornal, optamos em deixar dessa forma mesmo.

Imagem 2: Jornal Escola produzido na Escola Estadual Professora Nazira de Litaiff Moriz





O Marcelo, Francisco Marcelo Batista de Aguiar, é filho do senhor Raimundo Batista dos Santos, um dos primeiros moradores da comunidade, Marcelo nasceu e cresceu em Feliciano, é concursado do município de Tefé, como serviços gerais da escola em Feliciano.

Com a ajuda de uma irmã missionária, ele conheceu a Instituição de Ensino Superior Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), um instituição de ensino privado, a qual o mesmo ingressou, e concluiu o curso de pedagogia, quando eu cheguei em Feliciano, o Marcelo ainda estava cursando a graduação em pedagogia.

Trabalhávamos no mesmo horário, fomos nos aproximando e, eu tive, a honra de lhe ajudar em alguns trabalhos de aula da sua graduação, assim criamos nossa parceria, eu o ajudava com seus deveres da graduação e ele me ajudava na construção do espaço físico da rádio, gerando assim nossa cooperação entre a igreja católica e o REC.

Então eu já tinha quatro grandes aliados e, um projeto para ser executado, negociamos com o Marcelo, quanto as autorizações para utilização dos equipamentos de amplificação de voz, da igreja católica. O qual concordou em nos ajudar.

O Marcelo mesmo, nos ensinou a fazer os reparos nos equipamentos da voz da igreja católica, pois estavam parados, sem uso por um bom tempo, eu expliquei para o Marcelo, o que queríamos fazer e, o Marcelo se tornou um grande aliado, ele concordou em nos ajudar, e nos prometemos criar um programa para a igreja católica, com tudo acordado fomos para o campo de batalha.

Cada oficina era vista como novos desafios a serem vencidos, *“Eu imaginei logo de cara, nunca vou falar lá na voz, tenho vergonha, mas no fundo eu queria muito fazer isso”*, (Alexandre 7º ano, em entrevista), 2018.

Imagem 3: Marcelo Batista de Aguiar, fazendo manutenção nos equipamentos da rádio.



Fonte: SILVA J.M (2023).

Imagem 4: Igreja católica onde iniciou a rádio.



Fonte: SILVA J.M (2023)

## 6. CHEGA PARECE QUI FOI ONTI! – O Novo REC.

As atividades de aprendizagem do REC, estavam programadas para ser realizadas no período de, 05 de abril de 2018 a 14 de setembro de 2018, o público alvo foi os estudantes do 7º, 8º e 9º ano. Os estudantes do 6º ano/2018, estavam em um projeto de alfabetização, com o professor Evalcione, então eu não quis sobre carrega-los.

Apresentei a ideias as demais turmas, os quais reagiram com muito entusiasmo e compraram a ideia de criar uma rádio na escola, então desenvolvemos as seguintes atividades:

## **6.1 Primeiro Passo: Construção da Rádio Escolar Comunitária – REC.**

Esse nome “REC”, foi criado ainda na Escola Estadual Professora Nazira de Litaiff Moriz, em Tefé, e significa Rádio Escolar Comunitária, só depois do projeto já está pronto e, em andamento é que nós observamos que “REC”, também é uma abreviação da palavra em inglês, “recording” que em português significa “gravando”, o que faz todo o sentido com a nossa ideia, daí ficou projeto REC, sendo o nome oficial do nosso trabalho.

O processo de construção da Rádio Escolar Comunitária (REC), foi através da exploração da curiosidade dos estudantes, no primeiro momento discutimos os modos de construção da parte física da rádio, fios, equipamentos e como opera-los, bem como as discussões do nome da rádio.

Entramos em um novo mundo o da comunicação, onde as oficinas agora eram práticas e construtivas, explorando um novo mundo, que os estudantes não conheciam, o mundo da comunicação.

Meu objetivo aqui era desconstruir as salas de aula, que se limitavam a papel e lápis, portanto aqui as aulas eram mais de como funciona os equipamentos eletrônicos, e como eles são usados, essas oficinas era no estilo “você sabia?”.

Quero aqui pedir licença, para combinarmos o uso de uma expressão; dentro do REC, nós usamos a palavra “oficina” para se referir aos nossos trabalhos práticos, pensamos que a palavra “aula”, carrega uma carga semântica de algo com altos padrões de conhecimento acadêmicos e científicos, o que deixa a gente meio ansioso quando se fala “vou dar uma aula”, já a palavra “oficina” é vista no REC como experimentar, tentar fazer, não há uma fórmula, só muito desejo de fazer bem feito e, aprender junto, daí a gente esquece o medo de errar e deixa a mágica do construir junto acontecer, fecho o combinado.

Nas oficinas, os estudantes podiam pegar nos equipamentos de transmissão, podiam ligar e desligar os aparelhos e assim surgias as perguntas para que serve esse botão? Eu respondia o que sabia, a parte que eu não sabia, eu perguntava ao Marcelo, a parte que ele não sabia, eu pesquisava na internet, e a gente aprendia junto.

Na segunda parte dos trabalhos, trocamos os altos falantes de lugar, para termos uma maior amplificação, isso fez com que os estudantes percebessem que o projeto ia sair do papel, estimulando o gosto pelas oficinas, em seguida instalamos os fios e partimos para as oficinas em sala de aula.

Imagem 5: Oficinas de manutenção e reinstalastes dos altos falantes.



(Fonte: SILVA J.M (2023)).



(Fonte: SILVA J.M (2023)).

## 6.2 Oficina 01: Universo do Rádio.

Após os trabalhos fora da sala de aulas e, as oficinas sobre eletrônica básica, os estudantes já estavam bem interessados pelo projeto, então iniciamos as oficinas de locução de rádio, começamos como o gênero músicas e seus

subgêneros, explorando suas características, diferenças sonoras e objetivos musicais.

Essas oficinas foram usada, para aumentar o conhecimento dos estudantes, sobre músicas e, suas variações, assim poderiam criar programas específicos para cada subgênero musical e, conhecer um pouco da cultura, dos contextos das músicas, e a história desse subgênero musical.

Contextualizando essas oficinas de comunicação, com outros trabalhos já realizados, comparando ao trabalho de Florêncio, em usar métodos comunicativos, em sua atuação em campo, por meio de ferramentas, como o uso do rádio e do teatro, para consegui mobilizar as populações para a sua causa, conseguindo engajamento para sua militância, assim conseguimos ir envolvendo os estudante no REC.

Assim que conhecemos o básico sobre os gêneros musicais, partimos para os gêneros textuais da esfera jornalística, pois o jornal, era uma das atrações da rádio, iniciamos com os textos orais da esfera jornalística e posteriormente os escritos como horóscopo, piada, anúncio e propaganda.

Imagem 6: oficina prática de operação dos equipamentos de rádio.



(Fonte: SILVA J.M (2023))

Durante as oficinas, comecei a levar vídeos, assistimos algumas reportagens, após assistir as reportagens, fazíamos uma roda de conversa sobre o tema, eu perguntava o que eles tinham entendido da reportagem, no início não

era muita coisa, algumas vezes era só o tema que eles tinham entendido, então eu explicava a reportagem e, assistíamos outra vez, depois eu fazia a mesma pergunta.

Era quando o milagre acontecia, além de eles falarem o que tinham entendido, apontavam partes da reportagem que não estava clara para o universo deles. Assim eu fui dirigindo nossas oficinas para a clareza das informações.

Mais algumas oficinas e, fomos entrando no universo do rádio escolar, (AMARANTE, 2012), assistimos alguns vídeos sobre como fazer programas de rádio, realizamos algumas conversas sobre a temática, e entramos no gênero textual roteiro, meu objetivo era ensiná-los a criar um roteiro para um programa de rádio, pois eu queria que eles criassem seus próprios programas, segundo seu estilo musical, tem um público na comunidade que era gospel, das igrejas evangélicas e católicas e, tem o público que gostava de outros tipos de músicas.

### **6.3 Oficina 02: O Mundo da Informática.**

Esse foi o ponto, onde eu encontrei maior dificuldade, dar as oficinas de informática, com apenas um notebook para 3 turmas, totalizando 35 estudantes.

Meu notebook tinha bateria viciada, então eu precisava esperar ter energia elétrica na comunidade, para poder dar as oficinas de informática.

Muitos desses estudantes, nunca tinham sequer tocado em um computador. Essas oficinas foram uma das mais emocionantes, pois a curiosidade, o interesse deles em aprender, foi muito estimulante para mim. *“Eu pensava que o Joel não ia deixar eu mexer no computador dele, porque eu quase não falo nas aulas, mais quando ele me ensinou a colocar música no computador, foi só o filé, era um novo mundo, o computador pode fazer muitas coisas legais”* (Ezequias 9º ano, em entrevista), 2018. Com isso continuamos em busca de uma forma para atender todos os estudantes.

A solução foi dividi-los em equipes, cada equipe com três estudantes, sendo dois locutores e um DJ. Dessa forma avançamos, enquanto uma equipe tinha oficinas de informática, os demais produziam seus roteiros que seriam usados nos programas futuros.

Imagem 7: oficina pratica de informática.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Lembro-me que quando acabava as oficinas de uma equipe e, eu chamava a próxima equipe, a equipe que estava saindo, não ia embora e sim ficava atrás de mim, observando a próxima equipe, não demorou muito e, eles já estavam ensinando uns aos outros, a selecionar músicas, separar em pastas por gêneros musicais, eles discutiam entre eles se era esse mesmo o gênero da pasta.

Eu criei uma pasta para cada estudante, assim eles poderiam se sentir parte do projeto. *“Quando o Joel ligou o computador dele e, eu vi uma pasta lá, com o meu nome, lá tinha uma foto que eu tirei no celular do Joel, foi como se o computador fosse meu, eu me senti muito importante, fiquei muito feliz, eu tinha uma pasta só minha, com minhas músicas, fiquei muito feliz”* (Sara 7º ano, em entrevista), 2018.

Com essa dificuldade de aprendizagem ocasionada pela falta de computador, foi possível deixar os estudantes produzirem suas notícias com mais autonomia, pois agora eles dispunham de um momento para repensar a forma mais atrativa de se comunicar. Após algumas semanas concluímos as oficinas de informática básica, pois o foco era o letramento digital.

#### 6.4 Oficina 03: Luz, Câmera, Ação.

Antes de nossa estreia, faltava um nome para a nossa Rádio Escolar Comunitária, eu propus um miniconcurso, onde todos os estudantes e os moradores da comunidade Feliciano, poderiam escrever uma carta para a escola, contendo sugestões de nome para a rádio escolar, pois as notícias da criação da rádio, estava se espalhando pela comunidade, então eu aproveitei para fazer os moradores da comunidade Feliciano, se sentissem também parte do REC, não só os estudantes e professores, ou pais de estudantes, mais que todos fossem bem-vindos ao REC.

A dinâmica proposta, era que os participantes do concurso, deveriam criar um nome original, acompanhado de um slogan, o prêmio foi uma caixa de bombons de chocolate, e a carta vencedora, fica sendo o nome oficial da rádio.

As três cartas selecionada para a final, ficaram expostas, no mural de avisos da escola, onde os estudantes e os moradores da comunidade, podiam votar, em qual eles achavam mais original, a vencedora foi a criação do estudante do 9º ano, Gabriel, com o nome: Rádio Curubé, “a rádio que todo mundo quer”. “*Eu estava pescando e pensando na aula do Joel, quando caiu na água a fruta Curubé<sup>2</sup>, eu pensei em levar a fruta para o professor Joel, então pensei, no nome para a rádio, aí ficou curubé, a rádio que todo mundo quer*” (Gabriel, 9º ano, em entrevista), 2018.

Imagem: 8 Logo da Rádio Curubé, criado pelo secretário da escola Rodrigo.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

---

<sup>2</sup> Curubé, é uma gruta silvestre das terras de várzea, no Amazonas, muito comum nos igapós, ela é amarela e doce, muito apreciadas pelas crianças ribeirinhas, que adoram subir na árvore curubé para coletar as frutas no pé. Também conhecida como fofinha.

Foi aí, que eu comecei a perceber a profundidade desse trabalho, Gabriel apropria-se de seu conhecimento de mundo, em direção à botânica e constrói o nome da rádio, com originalidade, fidelidade à sua identidade cultural ribeirinha, sua comunidade, seu lugar no mundo.

Repassei esse meu ponto de vista para ele, nesse ponto, o projeto tornou-se um lugar em que o pensamento pode ser expressado, sem medo de repreensão, onde por meio do diálogo, todos têm seu direito de pensamento assegurado, dando valor, ao conhecimento que cada um possui, respeitando a significação de cada tipo de conhecimento de mundo, conforme a teoria da dialogicidade, onde Freire fala sobre a construção do diálogo, ação e a reflexão do que se está sendo feito.

Se aproximava mais o dia da estreia do programa, todos nós estávamos muito ansiosos para a estreia do programa, dividimos as equipes em grupo de três estudantes, sendo dois locutores e um DJ, por grupo, elaboramos o roteiro e fiz algumas orientações para o programa ao vivo, como interagir com o ouvinte.

Antes da transmissão ao vivo na voz comunitária, ensaiamos em sala de aula, para o programa ao vivo e, criamos uma caixinha, onde os moradores da comunidade, professores e estudantes, podem pedir músicas, essa caixinha fica na secretaria da escola.

Imagem 9: Oficina de elaboração de roteiros, para o programa de rádio.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

### 6.5 Estreia do Programa ao Vivo.

No dia 11 de junho de 2018, o programa ao vivo estreou. Teve duração de 25 minutos, iniciou com o “Programa Força Jovem”, dirigido e apresentado pelos estudantes do 9º ano/2018, depois veio o “Programa Juntos e Misturados”, realizado em parceria entre os estudantes do 8º e 7º ano/2018.

Durante a transmissão na voz, alto falante, os estudantes me pediram para deixar a portas da igreja, onde funcionava a rádio, fechada para que eles ficassem mais a vontade, eu cumpri minha parte do combinado.

Quando o programa de estreia acabou, desligamos os equipamentos e, eu abro a porta, para nós saí e, os pais dos novos comunicadores, estavam em frente da igreja ouvindo a transmissão dos programas, eu fiquei sem saber o que dizer, foi muito emocionante, receber aquele apoio.

Imagem 10: estreia do programa.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

*“Já era minha vez, eu estava com muito medo de errar ali, mais quando eu olhei pela janela da igreja e vi minha mãe ali, esperando eu falar, me deu coragem de enfrentar, então eu falei, errei um pouco, mas ninguém riu, pelo contrário me deram muita força, aí eu quis falar mais”.* (Ezequiel 8º ano, em entrevista), 2018.

Era nítido o orgulho dos pais, em ver os seus filhos falando no programa ao vivo. Os familiares se reuniram na pracinha, que fica em frente à escola, ouviram os dois programas, fiquei muito surpreso, pois não tinha sido combinado. Foi uma grande surpresa para todos nós.

Já tivemos programas que durou 3 horas, muitos comunitários já fizeram seus programas de rádio, eles escrevem cartas para a rádio pedindo músicas existe uma boa interação. Depois dessa data criamos uma agenda para os programas serem semanais, incluímos entrevista, momento da piada e momento de leitura da carta.

### **6. 6 Segundo Passo: Construção do Jornal Escolar.**

A Construção do jornal já foi mais prática, tendo em vista que os estudantes já tinham noções dos gêneros textuais que vimos na primeira parte do projeto, então a produção das matérias para o jornal foram um tipo de revisão dos gêneros da esfera jornalística.

Um ponto, onde houve resistência inicial, foi na reescrita, mais trabalhamos a importância da reescrita, destacando as normas da ortografia, bem como a diferença de variação linguísticas e suas significações de objeto.

A escolha do nome para o jornal seguiu os moldes da escolha do nome para a rádio. O Jornal impresso, possui 6 páginas e aborda as principais notícias da escola e comunidade, assim como a opinião dos estudantes, sobre os assuntos da comunidade, da escola.

A formatação e impressão do jornal ficou sendo de minha responsabilidade, os estudantes tiravam as fotos e escreviam sua opinião, descrevendo o acontecimento, eventos locais, me entregavam escrito a mão, eu digitava e incluía dentro do jornal, isso acontecia porque só tínhamos um notebook.

O Leiaute do jornal O CURUBÉ, foi escolhido e pensado para ser atrativo aos olhos dos leitores adolescentes, por isso optamos em exagerar nas cores, queríamos ser vistos de longe.

*“As pessoas não gostam de ler, então tem que ser, uma coisa que chame a atenção deles, pelo olhar, bora, colocar uma coluna de cada cor, bem colorido,*

eles vão ler pelas cores e fotos, vai chamar a tenção deles” (Nikiele 7º ano, em entrevista) 2018.

Imagem 11: primeira edição do Jornal O CURUBÉ, em Feliciano, 2018.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

## 6.7 Agora Não Tem Mais Volta – É o Jeito Enfrenta.

A primeira culminância do projeto REC, foi no dia 14 de setembro de 2018, convidamos as comunidades e escolas vizinhas para nossa socialização, esse evento foi produzido e executado pelos estudantes, nosso trabalho final concentrou-se na parte logística, confeccionamos camisetas comemorativas, organizamos quem seria os mestres de cerimônia.

É maravilhoso, ver os estudantes que não conseguiam se comunicar com os professores, em sala de aula, agora apresentando-se em salas de aula, em outras escolas e, convidando seus pares para prestigiar um evento que eles produziram, eles mesmos fazendo sua própria comunicação.

Quando chegávamos nas escolas que visitamos, eu ia até a sala do gestor, pedir autorização para irmos, em sala de aula convidar os estudantes daquela escola, nosso objetivo era uma comunicação entre os estudantes, chegando em sala, eu me apresentava para o professor que estava ali e, pedia autorização para falar com os estudantes, aí os curubés falavam com os estudantes daquela escola, e também avisava que eles poderiam trazer trabalhos deles para apresentar na socialização.

Imagem 12: Curubés, convidando os estudantes de outra escola para o evento que eles estavam organizando.



(Fonte: SILVA J.M (2023)).

Imagem 13: 1ª camiseta do REC/2018.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Fomo nas escolas convidando os outros estudantes em sala, durante essas idas de comunidade em comunidade, o estudante Gabriel do 9º ano, criou uma piada interna, *“agora não tem mais volta, já convidamos os outros estudantes, agora não dá mais pra voltar atrás, vamos fazer nosso melhor”*, foi um evento realizado por estudantes e para estudantes.

Imagem 14: apresentação no evento I mostra do projeto REC/2018.



Imagem 15: Apresentação no evento I mostra do projeto REC/2018.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

No evento, os curubés, nome com o qual eles se identificam, foram os mestres de cerimônia, apresentaram para todos os convidados, a Rádio Curubé e, os processos de criação de uma rádio escolar, servido de uma emocionante análise reflexiva pelos integrantes do projeto, de como essa experiência, impactou positivamente suas vidas.

*“Nem acredito que estou aqui falando na frente dos professores, dos meus colegas, eu nunca nem imaginei que eu fosse capaz, mas com a ajuda dos meus colegas e o apoio do professor Joel, eu tô conseguindo, obrigado Joel pela ajuda. Tô muito feliz”, (Sadraque 7º ano, no dia do evento, emocionado), 2018.*

Ao final do evento, os estudantes distribuíram a primeira edição do Jornal O CURUBÉ. Convidamos as escolas das comunidades: Igarapé-açu, Barreinha, Sacaí, Miriti e Cairara, compareceram no evento, I mostra do projeto REC 2018, as escolas das comunidades Igarapé-açu e Sacaí, devido questões de logísticas, pois não tínhamos recursos para as despesas do deslocamentos das comunidades mais longe de Feliciano. Essas comunidades que participaram do evento, também tiveram a oportunidade de apresentarem seus trabalhos, e se tornaram nossos parceiros na divulgação do REC.

Imagem: 16 Fotos comemorativas do evento I mostra do projeto REC/2018.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Imagem: 17 Fotos comemorativas do evento I mostra do projeto REC/2018.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

## 7. LÁ IN DENTRO – O pé de REC.

Já se passaram 6 anos, desde que plantamos a semente projeto REC, a rádio cresceu, foi nomeado novos diretores, estamos na terceira geração de diretores da rádio.

O primeiro diretor da Rádio Curube foi o Ezequias Martins de Oliveira, que ficou na liderança nos anos de 2018 a 2022. Quando o conheci ele tinha muita

dificuldade em se comunicar, mas nos tornamos grandes amigos, o curioso sobre o Ezequias é que ele é muito frio em suas interações sociais.

O que causou muitas críticas quando ele foi nomeado diretor do REC, o motivo para sua nomeação foi que o Ezequias é muito observador, então como somos grandes amigos, eu sempre pedia para ele ficar prestando atenção nas minhas falas, para servir como uma espécie de termômetro para que eu me autoavaliar, como estava sendo minha interação com os integrantes do REC.

O segundo motivo foi quanto responsabilidade do Ezequias, pois os equipamentos não eram do REC, e precisavam ter um cuidado para não danificar, então o Ezequias é a pessoa que organizava, para não haver “bagunça”, já que a maioria dos integrantes, no início do REC, eram adolescentes. No início do ano de 2022, o Ezequias entrou para o Exército Brasileiro, o qual era seu grande sonho servir o Exército, deixando o Gabriel Nogueira de Oliveira, como segundo diretor.

Imagem 18: Ezequias de Oliveira 1º Diretor da Rádio



(Fonte: SILVA J.M (2023))

Imagem 19: Qr cod do facebook

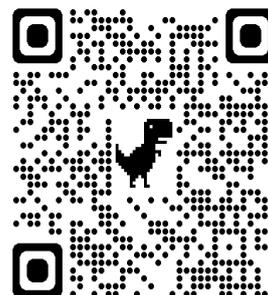


Imagem 20: Gabriel 2º Diretor da Radio



(Fonte: SILVA J.M (2023))

O segundo diretor da rádio Curubé foi o Gabriel Nogueira de Oliveira, o qual ficou na liderança da rádio por um ano, contribuiu com a criação do programa Voz da Assembleia de Deus, no ano de 2022, no início de 2023, foi servir o Exército e entregou a direção da rádio.

No início do ano de 2023, assumiram a liderança do rádio o Hibs Oliveira de Aguiar, e Josias Martins de Oliveira, ambos assumem como diretor do REC atualmente.

Os programas continuam, temos programas da igreja católica e da assembleia de Deus, já são 5 programas de rádio, sendo os programas: Juntos e Misturados, Força Jovem, Voz da Assembleia de Deus, Papu Cabeça e, O Pulador de Janelas, esse último, é um programa que toca músicas românticas.

A semente plantada, germinou e cresceu, o que era para ser uma sequência didática de 3 meses, foi crescendo, chegamos a um ponto, que era tanta gente querendo participar da rádio, que a rádio não dava conta, em deixar todos participarem, “*la in dentro*”<sup>3</sup>, foi então que fomos criando as outras 5 ramificações para que todos que queiram participar do REC, possam fazer a sua comunicação.

Assim, a sementinha se tornou um pé de REC, com vários galhos, prontos a gerar frutos. As subdivisões são ligadas ao projeto estruturante o REC, cada “galho” subdivisão, possui um diretor responsável, para coordenar as equipes, e uma logomarca, mas na hora da execução dos trabalhos, utilizamos a metodologia do ajuri, a proposta é manter um ambiente, onde todos ensinam e todos aprendem juntos.

O Projeto Rádio Escolar Comunitária REC, hoje possui, A Rádio Curubé, a qual já foi apresentada, o jornal, O CURUBE, mencionado acima, quero seguir a ordem cronológica em que as outras subdivisões foram sendo criadas, depois da criação do jornal, veio o REC-Audiovisual, depois o CINECURUBE e por último o REC-Inclusão.

---

<sup>3</sup> Uma expressão do dialeto local, para “algo que está dentro do que está dentro, exemplo”, “havia um embrião lá in dentro do ovo, que está na panela”.

No ano de 2023, em uma assembleia do REC, apresentei para a comunidade todo o percurso do REC, informando-os para a comunidades que o REC, faz parte de minha pesquisa de mestrado, nessa ocasião, fizemos a separação, entre a pesquisa e o projeto REC, assim expliquei para os integrantes do REC, que a partir daquela data, 22 de maio de 2023, o Projeto REC, é o meu presente para eles, assim, eu assumi a função de pesquisador do projeto REC, montando a nova coordenação, formada pelos integrantes que irão assumir a liderança do projeto daqui para frente.

Imagem 21: Coordenação do REC/2023.



(Fonte: SILVA J.M (2023))

## 8. OS CURUBES NA TELONA - REC-AudioVisual

Surgiu no ano de 2018, como uma proposta de aprendizagem de Língua portuguesa através do audiovisual. Após uma oficina de Audiovisual, realizada pela Secretaria Municipal de Educação Esporte e Cultura (SEMEEC), onde eu conheci o audiovisual, pelas mãos do cineasta tefeense Orange Cavalcante, em um encontro pedagógico, levei esse conhecimento para a comunidade Feliciano, essa ideia casou com o projeto livro artesanal, que estávamos executando na comunidade.

O projeto livro Artesanal, é um projeto da Associação Vaga Lume, basicamente consiste em 3 etapas: reunir os moradores mais antigos da comunidade, para que eles contem histórias dos seus encantados, enquanto os ouvintes, em nosso caso, os estudantes, ouvem as histórias e fazem anotações.

No segundo momento, essas anotações são reunidas, gerando um texto, com a história contada, cada estudante contribui, para a elaboração do texto final, com a parte da história que lhe chamou mais atenção.

A terceira fase é, criar as ilustrações, desenhar a mão, algumas cenas da histórias em cada página, colorir, nessas páginas são distribuídas a narrativa, depois é só juntar com um cordel, ou encadernar e, temos um livro pronto, com nome de autores, ilustradores, dedicatórias e o nome da publicadora que é a escola, já produzimos 47 livros, todos com histórias dos nossos encantados.

Imagem 23: livros artesanais produzidos no REC.



(Fonte: SILVA J.M (2023)).

Após aprender a técnica da Vaga Lume, juntei-a ao audiovisual, depois de fazermos o livro artesanal, contando a história do Mapinguari, convidei os estudantes para irmos além, e produzimos um filme, o roteiro já tínhamos, só faltava filmar.

Assim nasce em 2018, o REC-AudioVisual, as filmagens, seguem o mesmo sistema que a comunicação da rádio Curubé, para produzirmos um filme nós utilizamos a produção colaborativa, onde todos fazem parte do processo de criação do filme, da escrita ou adaptação do roteiro, criação de figurino, escolha de tipos planos, todas as decisões são tomadas junto, isso enriquece o filme pois são várias mentes pensando.

O primeiro filme que inicia o REC–AudioVisual, foi produzido com os estudantes do 6º ano/2018, nesse filme eu tive pouca ajuda, dos meus colegas professores, pois os holofotes estavam focados para o sucesso da equipe da rádio Curubé, o pessoal da rádio já fazia programas e entrevistas sem precisar de minha ajuda.

Eu estava me sentindo realizado, agora eles não eram mais meus alunos e sim meus colegas comunicadores.

Então eu pude me dedicar mais a turma do 6º ano/2018, eu levei a turma, na casa de seu Pedro Laor, de 81 anos, um dos primeiros moradores da comunidade Feliciano, fomos visitá-lo para ele nos contar uma história, dos encantados, ele nos contou duas histórias, uma da curupira e uma do mapinguari.

Essa história do mapinguari, me chamou atenção porque seu Pedro contou que essa história, aconteceu lá para as partes mais longe do rio Caiambé, na época do seringal.

Os dois amigos da história no filme, eram compadre de seu Pedro, e o caso aconteceu, em uma colocalção de seringal.

Na narração, seu Pedro conta que eram dois amigos, um deles não tinha medo de nada e o outro era muito medroso, eles estavam em um seringal que era mal assombrado, ninguém queria cortar seringa naquelas bandas, pois segundo o patrão, sumia as pessoas que iam para aquelas matas.

Por outro lado, era um lugar com muitas seringueiras, já que ninguém cortava por lá, o amigo corajoso convenceu seu colega, e ambos pediram ao patrão para ficar lá.

Um dia eles foram na mata caçar, andaram um pouco e ouviram um grito, como de gente, o amigo corajoso, começou a responder gritando também, enquanto o medroso, insistia para o amigo parar de responder.

De repente, um animal enorme, bípede, com longos pelos marrons, grandes garras nas mãos e nos pés, uma boca monstruosa na altura do estômago e cheia de dentes enormes, nesses dentes, havia restos de roupas de outras pessoas já devoradas, e apenas um olho no meio da testa.

Surge e ataca o amigo corajoso que decide enfrentar a criatura, disparando sua espingarda porém, o disparo não surgiu nenhum efeito, pois o pelo espcço da criatura, não deixou a bala penetrar.

Então a criatura devora o corajoso, enquanto o medroso foge correndo e, sendo perseguido pelo animal, o medroso resolve subir em uma árvore para escapar, quando a criatura chegou na árvore onde o medroso tinha subido, ela ficou rodeando a árvore e, o medroso desmaiou caindo da árvore, pois o mesmo não suportou imenso mal cheiro que tinha a criatura.

Imagem 24: estudantes na casa de seu Pedro, ouvindo a história do mapinguari.





(Fonte: SILVA J.M (2023).

Retornamos a sala de aula, como as anotações em mãos e começamos a produzir o livro artesanal, com o texto pronto, começamos a fazer as ilustrações. A história do mapinguari, foi escolhida pela riqueza de detalhes na narração de seu Pedro, com informações de como seria a criatura mapinguari, como ele se move na floresta, e os porquês que ele ataca.

Após a escolha pelos alunos, minha proposta foi que eles, criassem uma imagem, baseada nas descrições, feitas pelo seu Pedro Laor e, que ilustrassem, como seria o Mapinguari, no livro artesanal, chegamos a uma imagem bem interessante.

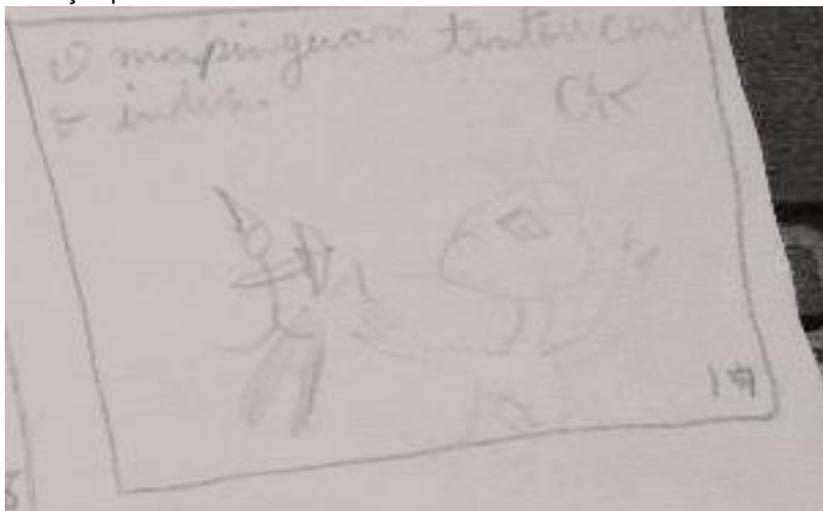
Imagem 25: capa do livro Artesanal O Mapiinguari, do estudante Zacarias.



(Fonte: SILVA J.M (2018).

Como já tínhamos familiaridade com roteiros, elaboramos um, para facilitar as ilustrações de páginas. Quero aqui compartilhar o esboço que eu fiz, esse esboço era para dar uma ideia para os estudantes, sobre qual ilustração ficaria em cada página.

Imagem 26 esboço que fiz.



(Fonte: SILVA J.M (2018).



(Fonte: SILVA J.M (2018).

Foi quando se revelou o artista Zacarias, que se tornou um de meus grandes amigos pessoal, eu lhe entreguei rabiscos, e ele me devolveu uma obra de arte, Zacarias, fez toda a ilustração do livro o Mapinguari, o livro ficou tão bom que foi publicado pela Vaga-lume.

Após o livro pronto, começamos a confecção dos figurinos para o filme, as ideias vinham surgindo dos estudantes, eu já só gerenciava, a criatividade era deles, o grande desafio agora era criar uma roupa, com as características do Mapinguari, essa foi o nosso primeiro protótipo.

Imagem: 28 figurino do filme Mapinguari



(Fonte: SILVA J.M (2023).

O próximo desafio, era criar uma boca na altura do estômago do ator, que ia interpretar o mapinguari e, principalmente fazer a cabeça do ator sumir, pois o mapinguari, só tem um olho na cabeça, não dava para cobrir o rosto do ator pôs ele precisava enxergar para contracenar, eu passei dias pensando, como íamos resolver esse problema, não consegui resolver, fomos para Tefé, era época de final de mês.

Quando retornei, o estudante Alessandro, 6º ano/2018, tinha resolvido a charada, ele utilizou o fundo transparente, de uma garrafa pete, e colou uma máscara feita de material emborrachado, de modo que o ator tinha, visão do cenário, pois parte do material era transparente, porém não apareceria os contornos do rosto do ator.

Imagem: 29 figurino do filme Mapinguari.



Imagem: 30 mapinguari, pronto para filmar.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Com o figurino pronto, começamos as filmagens, no dia da filmagem, só estava eu e os estudantes do 6º ano/2018, os meus colegas professores não quiseram participar, pois fomos para a mata.

Lá a mágica aconteceu, eu estava filmando e todos eles se ajudavam, dando ideias, como as cenas ficariam melhor, mais verdadeira, eu deixei eles dirigirem o filme, o filme era deles, eu estava apenas filmando, meu objetivo não era fazer um filme bonito, mais sim deixar os estudantes criar algo novo, algo que eles nunca tinham tentado fazer, algo que fosse importantes para eles.

Criamos um ambiente de aprendizagem muito gostoso de estar, eles estavam tão dedicados ao filme, que gravamos em uma única tarde, algo em torno de umas 4 horas de filmagens, eu me diverti muito, eles pediam para voltar a gravar a cena outra vez, eles mesmos que me diziam “Joel, eu olhei para a câmera sem querer”, e voltávamos a filmar.

Após as filmagens, em quanto eu fazia a decupagem do material filmado, achei essa foto, uma das fotos mais significativas para mim.

Imagem: 31 Elenco de mapinguari se ajudando.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Nessa foto, Josias Martins de Oliveira do 6º ano/2018, (ator que interpreta o caçador medroso), está arrumando a máscara do estudante Alessandro, (ator que interpreta o mapinguari), essa interação não foi eu que pedi, eles se ajudavam em colaboração, não precisava mais de um professor para validar as decisões deles, eles estavam aprendendo um com os outros, sendo uma aprendizagem na prática (Jean Lave), aquele ambiente de aprendizagem era significativo e gostoso, eles estavam ali, fazendo um filme, por que eles queriam fazê-lo, e não porque era obrigados.

O mapinguari/2018, foi o filme que lançou o REC, nas mídias sociais, já temos 2.500, visualizações no Youtube, foi o filme que ganhou, um prêmio da secretaria de cultura do estado do Amazonas, e foi indicado na categoria melhor arte, na V edição do Festival Nacional Primeiro Filme.

Imagem: 32 capa oficial do filme O MAPINGUARI.



(Fonte: SILVA J.M (2018).

Imagem: 33 canal do youtube.



(Fonte: SILVA J.M (2018).

Depois do mapinguari, já produzimos 15 filmes curta metragem, com diversas temáticas, nossa comunicação no audiovisual, segue a linha de ser escrito, interpretado e filmado por ribeirinhos, queremos fazer cinema como decolonização do cinema, amazônicos falando de amazonas, desmistificando à Amazônia.

Além de contarmos as histórias dos nossos encantados, também usamos o audiovisual, como arma, para fazer o poder público, ouvir nossas reivindicações, como no filme ENCANTO/2021, onde trabalhamos a temática, da chegada do tráfico de drogas ilícitas nas comunidades ribeirinhas, no filme ENCANTO, mostramos como os piratas de rio, atuam na nossa região e, quem são as vítimas que estão sendo arrastadas para a pirataria dos rios. Nossos filmes são mais

antropológicos que ficcional, pois as temáticas escolhidas, partem de assuntos que estão nos afligindo.

Imagem: 34 capa oficial do filme ENCANTO.



(Fonte: SILVA J.M (2018).

Imagem: 35 canal do youtube.



(Fonte: SILVA J.M (2020).

Outro filme importante para mim, é o filme O Janaí (2022), que tem direção geral de Zacarias Martins, integrante do REC, esse filme conta a história de um animal encantado, mais o que Janaí traz para mim, é a participação dos mais antigos da comunidade, atuando no filme, eu me surpreendi quando eles me pediram para participar, *“Fazer um filme com o professor aí, é a gente se sentir valorizado, o professor bota o filme lá na frente da escola e a gente se ver lá né, traz um sentimento de orgulho, é muito bom ver as pessoas gostando do nosso filme”*, (Francisco de Asis integrante do REC, 67 ano, em entrevista), 2023.

Imagem 36 capa oficial do filme O JANAÍ.



(Fonte: SILVA J.M (2020).

Imagem 37 canal do youtube.



(Fonte: SILVA J.M (2020).

Como esse trabalho, é um trabalho colaborativo, eu pedi para meus amigos/colaboradores, da pesquisa que eles fizessem um documentário, onde eles narram, como eles viveram esses processos que eu estou descrevendo, esse documentário etnográfico é o segundo capítulo desse trabalho.

Nesse segundo capítulo, em audiovisual, utilizámos os métodos da antropologia visual, baseado nos trabalhos de Jen Rouch, Ronaldo Mathias, e Annie Comelli, mas trazendo o jeito REC de contar histórias.

O REC- AudioVisual, atualmente é liderado pelo integrante, Silvanildo dos Santos Carvalho, que está na coordenação desde o ano de 2019, quando nasceu o REC-AudioVisual, Nyldinho tem 17 anos, cresceu dentro do REC, e é uma das pessoas mais incrível e criativa que já conheci, ele é escritor, já escrevemos juntos dois filmes, semente da vida e o garimpo ilegal.

Imagem 38: Silvanildo, diretor do REC-AudioVisual. Imagem 39: logo oficial do REC-AudioVisual



(Fonte: SILVA J.M (2023)).



Imagem 40: link pág facebook REC-AudioVisual. Imagem 41: link pág YouTube REC-AudioVisual



(Fonte: SILVA J.M (2023)).

## 9. LEVANDO A MAGIA DO CINEMA – CINECURUBÉ.

Durante a pandemia de covid 19, o CINECURUBÉ, tornou-se muito atrativo, o cineclube, nasce no ano de 2019, de uma forma bem inusitada.

Tinha acabado a aula no período da tarde, as meninas que trabalham na limpeza da escola, estavam finalizando a limpeza, o bebezinho da auxiliar de serviços gerais Nilziane, estava chorando, eu estava na secretaria assinando o

livro de ponto, para ir para casa, então eu decidi colocar um desenho animado, em meu computador para entreter o bebê, até a Nilziane terminar seu serviço, fui à casa dos professores, trocar de roupa, quando eu volto, para pegar meu computador na escola, encontro essa cena da foto.

Imagem: 42 estudantes assistindo um filme.



(Fonte: SILVA J.M (2019).

Imagem: 43 estudantes assistindo um filme.



(Fonte: SILVA J.M (2019).

Não só o bebezinho estava assistindo, mais vários estudantes inclusive adolescentes, então pensei, temos que explorar isso, aí percebo a necessidade em mostrar para os pais dos integrantes do projeto, o que os filhos deles estavam construindo dentro do REC.

Juntamos dinheiro, minha esposa Alessandra e eu, compramos um Datashow de segunda mão mesmo, mas que supria bem, as nossas necessidades, avisamos na rádio que ia ter cinema, colocamos na frente da escola, projetamos os nossos filmes primeiro, depois projetamos outros filmes, foi um sucesso. Ao final de cada filme, em nossa roda de conversa, discutimos os temas dos filmes e, e já aproveitamos para estudar os tipo de planos, visto no filme.

Nomeamos, o integrante do REC Alessandro Nunes Almeida, como o primeiro Diretor do cine clube CINECURUBÉ, ensinamos a ele, como operar o equipamentos de projeção, para que ele mesmo pudesse escolher os filmes e, projetar para a comunidade.

O Alessandro ficou na liderança do cine clube de 2019, até o ano de 2022, passando a função para o atual diretor Hudson de Oliveira Melo.

Imagem: 44 Alessandro Nunes 1º diretor do cine clube.



Imagem: 45 logo CINECURUBÉ



Imagem: 46: link pág Facebook



(Fonte: SILVA J.M (2022)).

Durante a pandemia, o cine clube era a única fonte de lazer para a comunidade Feliciano, deixamos os equipamentos de projeção na comunidade, e o estudante Alessandro, assume como responsável em colocar o cinema na comunidade, durante a quarentena.

Imagem: 47 CINECURUBÉ na Comunidade Feliciano.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

No pós-pandemia, as outras comunidades, ficaram sabendo do cinema e, começaram vim, para a comunidade Feliciano nos dias de filmes, perante essa demanda, o Alessandro me chamou para fazermos uma reunião, com a equipe do REC, para a gente ir até as outras comunidades do lago do caiambé levando o cinema.

Eu fiquei muito feliz, vendo o progresso do Alessandro, seu interesse em levar o REC em frente, reunimos, todos concordaram com a proposta, o problema que surge aqui, era que precisávamos de um transporte, o senhor José Arnaud, integrante do projeto REC e, pai do Zacarias, diretor do REC-inclusão, nos ofereceu, sua canoa e, eu comprei a gasolina para irmos levar o cinema.

Na primeira visita, fomos nas comunidades Barreirinha, Vila de Caiambé, Moura, Acapu, Igarapé-açu, Sacai e Cairara, apresentando o subprojeto de cineclube e, solicitando aos presidentes das comunidades as devidas autorizações para a execução do cinema.

Imagem: 48 visita aos presidentes das comunidades para apresenta o cine clube.



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Após a primeira visita, criamos um cronograma para o cineclube itinerante, que é cumprido, quando há gasolina para o transporte, pois ainda não temos patrocínio, fazemos esse trabalho voluntariamente, algumas vezes as comunidades visitadas, nos doam gasolina, e a gente vai levando o cinema como pode.

Imagem: 49 cine clube ao ar livre.



(Fonte: SILVA J.M (2023)).

## 10. PLANTANDO SONHOS - REC-INCLUSÃO

O REC-INCLUSÃO, é um segmento voltado para a formação de novos curubés, organização e gerenciamento de pessoal, é no REC-INCLUSÃO que são formado as novas gerações de integrantes para atuarem dentro do REC.

Entre as atribuição do REC-INCLUSÃO, está a divulgação dos trabalhos produzidos no REC, busca de parceiros com cursos, oficinas, palestras, juntos aos órgãos públicos e, instituições publicas e privadas, também atua no planejamento para os novos desafios do projeto.

O primeiro diretor foi o integrante Zacarias Martins de Oliveira, que assume a função no ano de 2021. O zacarias ainda continua na direção de inclusão do REC.

Imagem: 50 Zacarias Martins



Imagem: 51 logo REC-INCLUSÃO.



Imagem: 52 facebook



(Fonte: SILVA J.M (2023).

Durante o ano pandêmico, 2020, por questões políticas, que discutiremos no terceiro capítulo desse trabalho, eu fui lotado em outra escola, dentro do lago do Mirinim, bem distante da comunidade Feliciano, porém entramos em lockdown no mês de março, ficamos recolhidos as nossas residências, as pessoas da

comunidade Feliciano, enfrentaram grandes desafios, eu estava em quarentena na cidade de Tefé.

Eu pesquisava informações sobre a doença, gravava em um prendrive e enviava, pela equipe médicas, que estavam liberadas para prestar assistências aos enfermos da comunidade, o pessoal da saúde, entregava o prendrive na rádio Curubé, e então os locutores da rádio, transmitiam as novidades das pesquisas sobre as vacinas da COVID-19, e as orientações da OMS.

Outro trabalho muito importante que o projeto REC- inclusão, desenvolveu e, que mais tarde gerou muitos inimigos.

Desejo aqui abrir um parêntese para informar que, esses assuntos de luta de poderes, luta de classes, luta pelo controle da comunicação que o REC tem enfrentado, serão discutidos no terceiro capítulo desse trabalho, fecho meu parêntese.

O trabalho que fizemos durante a pandemia, foi quanto ao cadastro do auxílio emergencial do governo federal, eu me desloquei até a comunidade Feliciano, fiz um programa especial, explicando o que era o auxílio emergencial, avisei que eu estaria realizando o cadastro, junto com o Zacarias, que organizou os documentos das pessoas, que tinham direito ao auxílio, e que se enquadrava nos pré-requisitos do auxílio.

Compramos senhas, para acessar a internet, e realizamos 13 cadastro, todas essas famílias foram contempladas, foi muito gratificante, poder ajudar meus amigos da comunidade Feliciano, só mais tarde, soube que o REC, estava começando a incomodar.

Eu retornei para a cidade de Tefé e, continuamos enviando informações para a rádio curubé, e buscando recurso via internet para nosso coletivo.

Por intermédio do cineasta Orange Cavalcante, fiquei sabendo dos auxílios do governo do estado do Amazonas, à cultura, um edital da secretaria de cultura do estado do Amazonas, em auxílio ao artista do estado, estudamos o edital Zacarias e eu, enviamos os 3 filmes que já tínhamos produzido no REC-Audiovisual.

Os curtas metragens que enviamos foram: O Mapinguari, O Curupira e ENCANTO, todos os três filmes foram contemplados com o recurso financeiro,

no valor de hum mil e quinhentos reais, cada filme, esse recurso foi dividido entre os integrantes do REC, além disso conseguimos cadastrar 16 artista do REC, no cadastro da cultura, assim eles adquiriram direitos ao cartão do auxílio estadual, cartão que dava direito a R\$ 200, em compras de cesta básica, para os moradores da comunidade Felicianiana.

Imagem: 53 integrantes do REC, recebendo o cartão do auxílio estadual.



(Fonte: SILVA J.M (2021)).

Após a pandemia, fiz processo seletivo e retorno para a comunidade Felicianiana, no ano de 2021, para trabalhar como professor, nesse retorno a

modalidade de ensino era ensino remoto, porém os documentos que a secretaria municipal de educação disponibilizou, estavam em mídia digital, a orientação que nossos coordenadores de educação passaram, era produzir os materiais didáticos e, enviar para os estudantes, pelas plataformas digitais.

Em Feliciano, surge dois grandes desafios, o primeiro era que não existia internet disponível para os estudantes acessarem, o segundo é que os documentos estavam no googledrive, onde os estudantes, e alguns professores não sabiam como acessar e, como sempre, a secretaria de educação realizou formação só com os professores da cidade.

Frente a essa demanda, levamos esse problema para dentro do REC-Inclusão, inicialmente o REC-Inclusão, foi pensado para a formação dos novos atores e locutores para a atuação dentro do REC, mas devido a extrema necessidade dos integrantes do REC, em voltar as aulas, decidimos criar um curso de informática dentro do projeto.

Quero aqui pedir licença para fazer outro parêntese, vale mencionar que dentro do REC, criamos um ambiente de confiança, de garantia da fala, onde todos tem seu direito de dizer o que pensam, sem sofrer qualquer tipo de punição, é um acordo interno do REC, com regras, não pode mentir, nem falar mal de alguém ou falar de candidatos ou partidos políticos, você pode até não concordar com a ideia do colega, não tem problema nenhum, mais você deve ao seu colega o direito dele se expressar, fazer sua comunicação”.

Assim quando os assuntos, envolvem a prefeitura municipal, as pessoas levam essas discussões para dentro do REC, porque lá ninguém pode usar a fala de alguém para fazer fofoca ou informar aos “superiores” o que pensa um funcionário, sobre tal situação, fecho meu parêntese.

Criamos o curso de informática básica, Letramento Digital, o curso tinha em sua grade os sistema operacional windows e o sistema android, que facilitaria o acesso dos alunos a rede,

Fomos a cidade de Tefé, consegui uma doação de 20 litros de gasolina, que foi usado para ligar o gerador de energia elétrica, pois como já mencionei, Feliciano tem muita falta de energia Elétrica, o pai de um estudante, nos forneceu o seu gerador de energia, ele só não tinha gasolina, como nós já tínhamos

conseguido a doação da gasolina, iniciamos o minicurso de informática básica, que contemplou 3 professores e 10 estudantes da comunidade Feliciano.

Conseguimos a gasolina, na secretaria de cultura, pois não tive sucesso na secretaria de educação, eu nem imaginava, o quanto o REC estava sendo monitorado por força externas.

Retornamos a Feliciano, começamos a visitar as casas dos pais dos estudantes, perguntando se eles tinham algum notebook velho, que não estava funcionando.

Saí recolhendo um total de 8 notebook, então me dediquei em realizar manutenção e trocas de peças, pois também sou técnico em informática, curso que fiz, durante minha vivência no Exército e, que veio muito a me servir.

Recuperamos 5 notebooks, e iniciamos as oficinas de informática, os notebooks era todos improvisados, uns usando teclado externos, outros com bugs na tela, que vez ou outra apagava a tela, mas o que mais me motivava era o apoio moral, as palavras de incentivos que eu recebia da equipe do REC.

Conseguimos formar 3 turmas com 10 estudantes por turmas, sendo dois estudantes por computador, as oficinas foram duas vezes por semana, teve duração de 2 meses, conseguimos passar um pouco de informática básica e um pouco do sistema android, o que nos fez continuar estudando na escola, cumprindo o ano escolar, assim no ano de 2021, nasceu oficialmente o REC-INCLUSÃO.

Imagem: 54 integrantes do REC, em aulas de informática.



Imagem: 55 integrantes do REC, em aulas de informática.



(Fonte: SILVA J.M (2023))

Então as atividades mais administrativas, levamos para dentro do REC-INCLUSÃO, o nome inclusão foi pensado, porque o REC-inclusão é a porta de entrada no REC, os novos participantes chegam, escolhem onde querem atuar, e o inclusão, organiza a formação básica para a atuação do novo curubé, como oficina de atuação para o audiovisual, oficinas de rádio e, as vezes também acesso a serviços básicos como tirar documentos, o pessoal do inclusão faz essas pontes entre as instituições.

Conseguimos formar parceria com o Pronto atendimento ao Cidadão (PAC), onde conseguimos tirar 10 primeiras vias do documentos de Registro Geral, e 6 2ª via do Registro geral, com o Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac), conseguimos 3 vagas, para que os integrantes do REC, pudessem vim da comunidade e, realizar o Curso de Assistente em Logística, em Tefé.

Imagem: 56 parceria com o PAC, integrantes do REC, 1ª via do documento de identidade, foram tirados 16 documentos de idents.



(Fonte: SILVA J.M (2022))

Imagem: 57 parceria com SENAC – 2 integrantes do REC formados no Curso de Assistência de Logística.



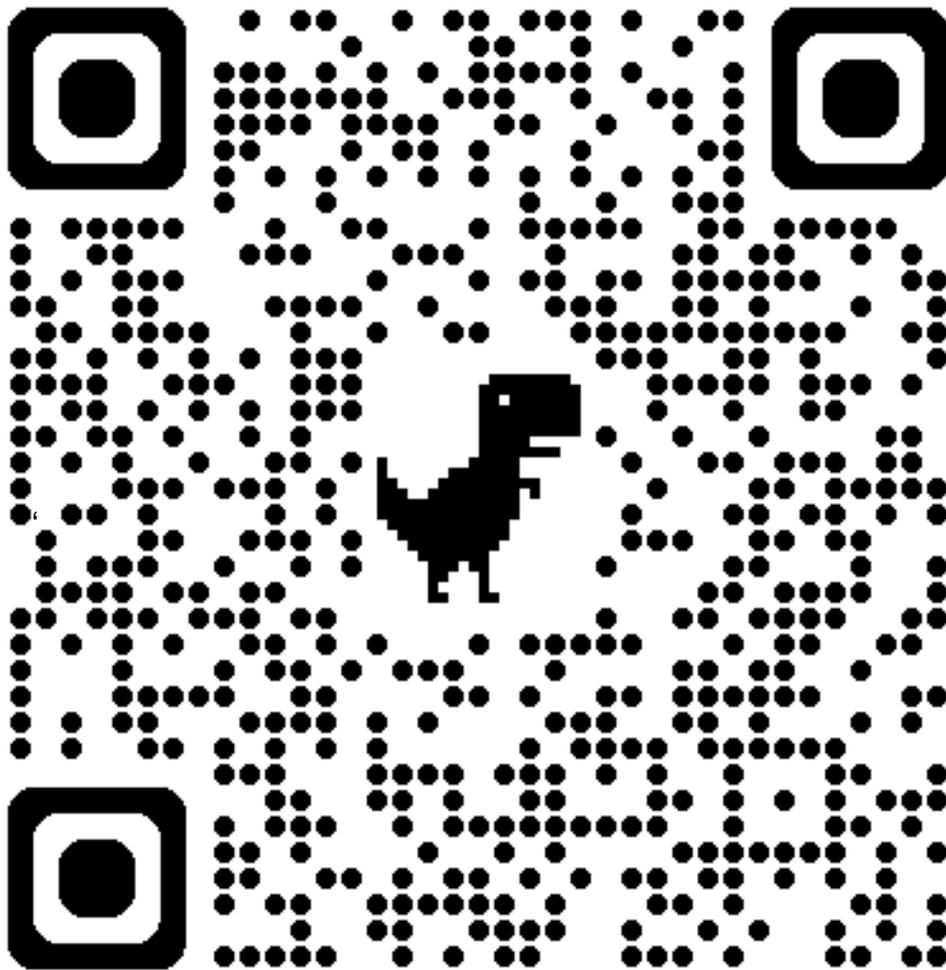
(Fonte: SILVA J.M (2022))

O REC-inclusão, também é responsável pela divulgação dos trabalhos nas redes sociais, busca por editais, e apresentar o REC em eventos e palestras, bem como realizar as mostra do projeto REC, que é um evento muito esperado na comunidade.

## CAPÍTULO II – NUN GABA NÉ?!!!!.

RÁDIO CURUBÉ – Plantando Sonhos na Amazônia

Imagem: 58 link do documentário RÁDIO CURUBÉ – Plantando Sonhos na Amazônia



### CAPÍTULO III – O CONFLITO É DA NOSSA NATUREZA?

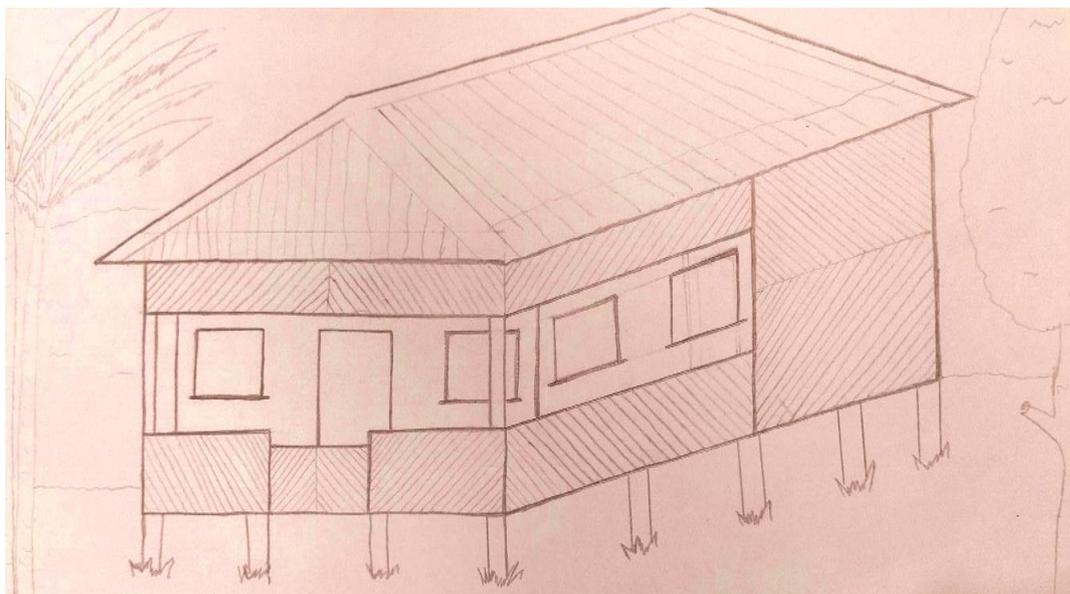
#### 1. NUN GABA NÉ?!!!.

Como esse trabalho é um trabalho colaborativo, eu pedi para meus amigos/colaboradores da pesquisa, que nós produzíssemos um documentário, onde eles mostrassem como eles viveram esse processo comunicativo, dentro do REC, para facilitar o entendimento de todos da equipe, eu chamei essa atividade de “meu trabalho de aula”, assim criamos um ambiente mais leve, sem a pressão de que esse trabalho seria apresentado a uma banca avaliadora.

Em Feliciano, existe um ditado popular, “nun gaba né?!!!”, essa expressão é usada para dizer que alguém gosta muito de alguma coisa, gosta tanto, que não para de falar disso, quer contar para todo mundo, quando a gente faz algo que se orgulha do seu feito, como o REC, em Feliciano, se diz “nun gaba né”, daí o nome do nosso capítulo II, nosso sonho, era fazer a casa da rádio, muito bonita, para sentir orgulho do nosso feito.

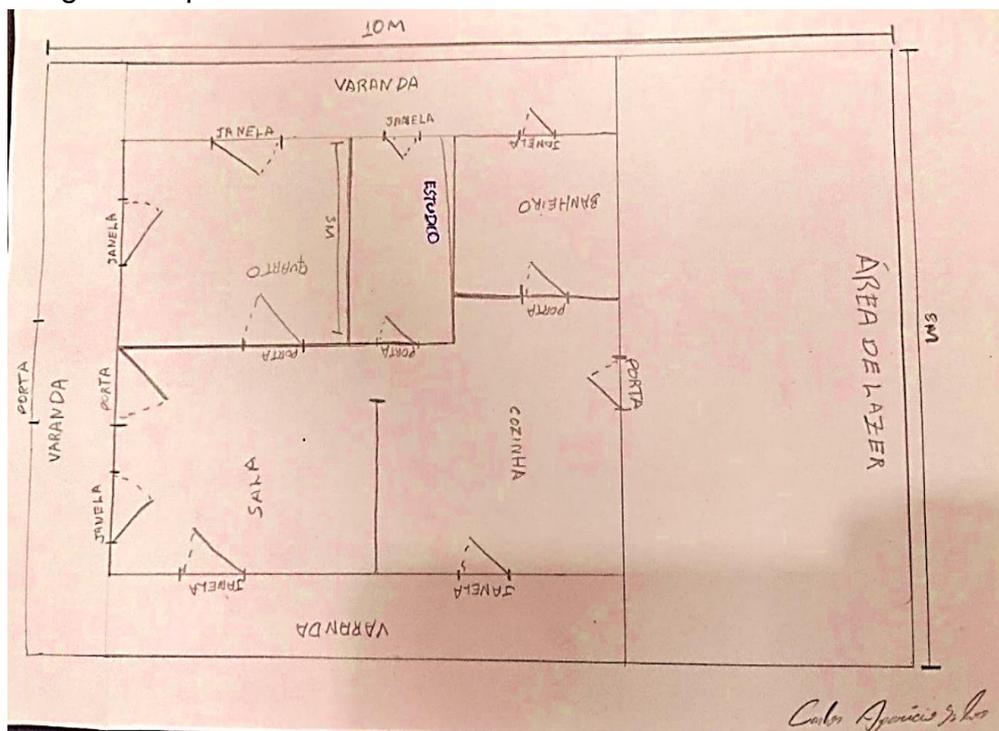
Quando começamos a produzir o documentário, a ideia era entregar para a comunidade, uma casa linda, um lugar, para os moradores da comunidade continuarem fazendo suas atividades do REC, de forma mais confortável e com mais autonomia, tínhamos uma planta, porém não foi bem assim que aconteceu.

Imagem: 59 Desenho de como seria a casa da rádio curubé.



(Fonte: Zacarias Martins (2022))

Imagem: 50 planta de como seria a casa da rádio curubé.



(Fonte: Zacarias Martins (2022))

## 2. UMA OBSERVAÇÃO POR DENTRO.

Nesse capítulo, contextualizaremos como foi construído o documentário, apresentando as decisões tomadas para a elaboração do mesmo, discutindo a trajetória do REC, as relações dentro do projeto e, como essas relações influenciam a cultura da comunidade Feliciano.

No ano de 2022, escrevi e submeti, um projeto ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas, Cest – Tefé. Escolhi esse programa pelo fato dele ser interdisciplinar, isso me deu liberdade de continuar trabalhando com o REC e, suas multidisciplinaridades, meu projeto de pesquisa se chama “Uma Comunicação A Partir Dos Roçados – Projeto REC”, o qual foi aprovado.

No segundo semestre de 2022, iniciei oficialmente no programa de mestrado, logo de início tive bastante dificuldades em acompanhar o ritmo do curso, mais fui me adaptando pois, nenhuma dificuldade no programa, é maior que a minha

felicidade em está dentro do programa de mestrado, sou o primeiro ribeirinho da minha comunidade a enfrentar esse desafio.

As vezes quando estou com medo de não dar conta das minhas tarefas, como novo cientista, lembro das palavras do meu ex-aluno, agora meu grande amigo. *“Professor, tu não vai enfrentar sozinho não, eu não posso fazer muito por você, mais vou está na torcida, comemorando cada conquista, cada trabalho que você entregar lá, eu vou está comemorando essas vitórias aqui”*. (Silvanildo Carvalho, 16 anos, conversa via rede social), 2022.

Com essas forças que recebi dos meus amigos, pude concluir os créditos obrigatório do programa e, voltei a comunidade para realizar nossa pesquisa, decidimos fazer um trabalho, em que os meus interlocutores/integrantes do REC apareçam, desejamos que eles sejam o destaque, os protagonistas do REC, porque o trabalho realizado foi construído com eles.

Após algumas conversas com meu orientador, onde eu lhe contei o que desejava realizar, traçamos uma direção rumo a antropologia visual, uma ciência nova para mim, porém embasa a construção do documentário etnográfico *“RÁDIO CURUBÉ – Plantando Sonhos na Amazônia”*.

Baseado no trabalho de Ronaldo Mathias, 2016, onde o autor apresenta uma compreensão dos primeiros “documentário”, como filmes do diário de campo dos antropólogos cineastas, fazendo referência ao uso da observação participante (Malinowski). Em outras palavras podemos compreender, os primeiro documentário como uma versão em audiovisual, do diário de campo do pesquisador, como registro da realidade local.

Assim, nos primórdios, enquanto a antropologia se consolidava em estudar as práticas culturais humanas, o cinema emprestava suas tecnologias para os primeiros antropólogos que usavam câmeras, como registro de suas práticas de campo e, como método de produção de conhecimento (Mathias), nesse momento a etnografia infiltra-se na pesquisa visual e audiovisual, ampliando a compreensão dos costumes culturais de um povo.

Outra base para nosso trabalho é os estudo sobre Jean Roch, e sua etnografia fílmica compartilhada, onde os atores decidem junto com o pesquisador, como e o que deve ser filmado, explicando para o pesquisador o significado e o contexto

da ação social filmada, o que permite uma maior fidelidade ao registro de uma cultura e seus significados.

No trabalho de Ronaldo Mathias 2016, na obra “antropologia Visual” estudamos a proposta dos cineastas indígenas, desenvolvidas pelo antropólogo Vicent Carelli, em aldeias brasileiras.

Nessa proposta o pesquisador ensina aos interlocutores como operar a câmera e, decide junto com eles o que filmar, de forma que o recorte da realidade filmada, seja pelo olhar do nativo, essa técnica contribuiu muito para a desconstrução da imagem do indígena brasileiro com o “exótico”, além de aproximar mais a observação da realidade da cultura observada.

Assim, a imagem não é uma representação da realidade cultural, e sim uma reconstrução da realidade, pelos próprios integrante daquela cultura, por dentro, os atores participando da construção, com seus olhares e sua fidelidade ao real, a sua cultura, realizando uma observação por dentro, permitindo o se ver na construção, de forma que os atores estejam dentro do recorte da realidade cultural.

O objetivo inicial do documentário era mostrar o REC, pela visão dos integrantes do mesmo, porém o ataque que sofremos, aconteceu durante a produção do documentários e, os integrantes do REC, decidiram incluir essas disputas pela sobrevivência do REC, no documentário.

Minhas contribuições na produção do mesmo, foi na parte da produção, edição do material, organização do roteiro.

Durante a reunião, onde decidimos o que queríamos mostrar do REC, escolhemos os pontos que não poderia faltar no documentário, o primeiro roteiro foi só essa lista de tópicos.

Quando iniciamos as gravações, eu os acompanhava mas, evitava dar palpites, em algumas gravações, eu não estava presente, eles me procuravam, emprestavam a câmera, me traziam o material já gravado.

Por esse motivo, escrevemos o roteiro final, só depois que o material já estava gravado, o roteiro final foi usado para a edição do material, como ferramenta de organização para que o espectador, possa obter maior compreensão da nossa comunicação.

A decupagem do material filmado, foi realizada em conjunto, nas 5 reuniões do REC, dessas reuniões, 2 foram para decidirmos o que mostrar do REC, 2 para a decupagem do material, e 1 onde apresentei o documentário pronto, em assembleia na comunidade, para obtenção de aprovação junto ao coletivo, e as assinaturas dos documentos de autorização e, as papeladas burocráticas de direitos autorais.

A primeira reunião do REC, para criarmos o documentário, aconteceu no dia 22 de maio de 2023, compareceu 187, pessoas entre crianças, jovens e adultos, foram produzidos 54 minutos de áudio e vídeo, a reunião durou 60 minutos, fizemos uma apresentação para toda a comunidade, mostrando como o REC, está sendo conhecido nas redes sociais, destacando sua aceitação na academia, como projeto de pesquisa científica.

Apresentamos as participações e entrevistas na rádio, e as apresentações dos integrantes do REC, na universidade, nas escolas e nas comunidades que o REC, já visitou.

Essa reunião, foi uma espécie de resumo sobre o REC, depois os pais dos estudantes falaram, como eles se sentiam em ver a evolução de seus filhos no projeto REC.

Durante essas falas, apareceu meio que de relance, lá pelos cantos escondido na reunião, o pedagogo da escola, o qual foi convidado pessoalmente por mim e, por meio de ofício, juntamente com a gestão da escola, porém não compareceram na reunião do REC.

A não participação do Marcelo, gestor da escola, em Feliciano, na reunião do REC, me deixou surpreso, porém eu ainda não sabia o que de fato estava acontecendo.

Para finalizar essa primeira reunião, eu pedi aos presentes que me ajudassem a fazer um documentário sobre o REC, para facilitar a minha comunicação com todos, eu usei as palavras *“preciso que vocês me ajudem a fazer o meu trabalho de aula da universidade”*, considerando que muitos dos meus interlocutores, os pais, avós, bisavós, não foram alfabetizados, assim todos entenderam do que se trata esse documentário.

Todos os presentes concordaram em me ajudar, então, passei a sequência de reuniões futuras e, finalizamos essa primeira reunião. Aparte dessa reunião, eu comecei a gravar entrevistas abertas, gravar minhas participações nas atividades da roça, fui várias vezes, para o roçado, quando dava tempo eu gravava entrevistas, com os meus colaboradores, observando e interagindo no ambiente, na realidades deles e, com eles.

No final do ano de 2022, o Jorge, morador da comunidade Feliciano, construiu uma casa nova para ele, durante sua mudança para a casa nova, ele me perguntou se eu tinha interesse em comprar a sua casa antiga, então pensamos sim, vamos comprar essa casa para ser a casa da rádio Curubé, pois a rádio ainda não tinha um lugar, compramos a casa e, os moradores da comunidade se propuseram, a nos ajudar a fazer as reformas na casa.

A segunda reunião aconteceu dia 15 de setembro de 2023, compareceram 210 pessoas, entre crianças, jovens e adultos, essa reunião não foi demorada, eu já havia orientado o Zacarias, diretor do REC, inclusão e cinegrafista do REC, para gravar a reunião que durou 30 minutos.

Iniciamos a reunião, apresentamos os objetivos, usando a fala “meu trabalho de aula”, para nos referir ao documentário, o objetivo dessa reunião era decidirmos o que íamos apresentar no documentário, passei a palavra para os presentes, eles decidiram apresentar a reforma da casa da rádio Curubé, um local onde o projeto vai continuar, foram expostos vários motivos, destacando os porquês a casa é importante.

Houve muitas ideias, sugestões diferente para a produção do documentário, porém o ponto em comum entres a maioria das ideias, era a casa da rádio.

Então ficou acordado que mostraríamos essa reforma da casa, até porque esse trabalho, essa dissertação é, uma metáfora para reforma do REC, a casa do REC, além de ser um lugar para os integrantes ficarem, ensaiarem, estudarem, fazer os programas de rádio, a dissertação também simbolizar a entrada dos integrantes do REC na academia.

Tudo acordado, decidimos fazer os ajuris, para a serragem da madeira, troca de tábuas que estavam estragadas, as despesas foram doadas pelos moradores

da comunidade, bem como a árvore a ser serrada, foi doada pelo meu grande amigo Hugo Padilha, que sempre está apoiando o projeto,

O Hugo é o ribeirinho, morador da comunidade de Feliciano, com quem morei na casa dele, durante um ano, para maior compreensão dos hábitos de convivência do ribeirinho, então partimos para as filmagens.

### 3. A REFORMA QUE SUSPENDEU O REC.

No dia 18 de fevereiro de 2024, realizamos uma pequena reunião, só para confirmar, as pessoas que iriam participar do ajuri de serragem da casa da rádio curubé, a reunião foi bem rápida, porém com um efeito muito decisivo para o futuro do REC, na comunidade Feliciano.

Quero aqui pedir licença, para abrir um parágrafo de contextualização da minha realidade, sou professor contratado do município, todos os anos o município de Tefé, faz um Processo Seletivo Simplificado, porém no ano de 2024, a administração municipal prorrogou o PSS/2023, o decreto municipal foi que todos os professores retornariam, dia 4 de março de 2024, para suas escolas, onde trabalharam o ano anterior, fecho o parágrafo.

No dia 19 de fevereiro de 2024, data pré-agendada pela comunidade, iniciamos a serragem da madeira, para os reparos da casa, durou 3 dias, foram 46 pessoas envolvidas nessa primeira fase.

No quarto dia, fomos conduzir, por canoa as tábuas serradas, no trajeto roçado do meu Hugo até a comunidade de Feliciano, cerca de uns 5 quilômetros, fomos, Alexandre, Joabe, Sarra, Elionay Hibs e Eu.

Fomos em uma canoa grande, mas a quantidade de madeira deixou a canoa cheia, no retorno para a comunidade, a Sarra começa a me contar, sobre o envolvimento de seu ex-marido com o tráfico de drogas. É comum meus alunos me contarem essas histórias.

Sara, Elionay e eu, nos envolvemos na conversa e quando percebemos, a canoa já estava afundando, de repente deu um banzeiro forte e nos alagamos, foi desesperador, fiquei com muito medo de algum dos meus alunos, se machucarem, porém eles são peritos nessas aventuras, enquanto eu ficava apavorado, eles riam da situação, ninguém se machucou.

Rapidamente veio o Dinelson, Josias, Maruca e o Cheirinho, cada qual em uma canoa, e nos socorreram, levamos a madeira até o local de destino, durante essa ida do local naufrago até o porto da comunidade, eu ainda estava em choque, porém os alunos que estavam comigo, ficavam rindo, estavam numa naturalidade, como se não estivesse acontecido nada.

Chegamos na comunidade, fomos almoçar, depois lá pelas 16:00 horas, fomos conduzir a madeira até a casa da rádio curubé, quando estávamos carregando, veio várias pessoas nos ajudar, até as crianças, ajudaram a carregar a madeira, houve uma grande mobilização da comunidade em nos ajudar, essa mobilização foi o estopim para desencadear uma série de ataques contra o REC.

No outro dia, continuamos as filmagens do documentário, eu retornei para a cidade de Tefé, e o Seu “Branco” José Marques, carpinteiro, (pai do Silvanildo), se ofereceu, para fazer os reparos na casa e, finalizar o serviço de reforma na casa da rádio curubé, agendamos para o dia 10 de março de 2024, o ajuri de pintura e, inauguração da casa da rádio, pois os materiais de pintura já estavam comprados.

No dia 29 de fevereiro de 2024, a direção da escola da comunidade Feliciano, pediu que eu, procurasse a professora “C” no setor de lotação de professores na Secretaria Municipal de Educação Esporte e Cultura – SMEEC/Tefé.

Chegando no referido setor, foi muito constrangedor, a professora “C”, me informou que não poderia me lotar na escola em Feliciano, devido, segundo informações do gestor da escola em Feliciano, havia uma ocorrência na comunidade, na qual eu estava envolvido.

Constrangido, saí da sala da professora “C” e mandei mensagens para o gestor da escola em Feliciano, professor Marcelo, o qual negou, que houvesse qualquer tipo de ocorrência, em meu nome na escola, reitero que nunca assinei, nenhum tipo de ocorrência em minha vida, “segue descrição do áudio”

**SILVA J.M:** *Ei Marcelo meu camarada eu fui lá, hoje com a professora lá, e aí cara, ela disse que tem uma ocorrência em meu nome aí na comunidade, que o meu desempenho foi ruim aí na comunidade, E aí cara eu quero saber de ti como é que vai ficar essa situação, entendeu se tem ocorrência eu não assinei*

a ocorrência entendeu? (Áudio enviado via rede social para o professor Marcelo) 2024.

**MARCELO:** *Aqui na escola mesmo não tem ocorrência sua não. Pessoas que fizeram coisa que Bárbara durante o ano, ninguém fez nenhuma ocorrência (Áudio recebido via rede social do professor Marcelo)2024.*

Como o áudio em mãos, na segunda feira, 11 de março de 2024, retorno a secretaria de educação, sala da professora “C”, ela me recebeu e, disse que a noite de domingo para segunda o gestor da escola em Feliciano, tinha falado com ela via whatsapp, onde confirmou a ela que “existe” essa ocorrência, eu perguntei para ela sobre uma cópia da ocorrência, a professora “C” disse que, para o setor de lotação, só é encaminhado os parecer dos professores, então a professora “C” me encaminhou para o setor de administração da secretarias de educação.

Lá fui atendido pela professora “R” responsável pelo setor, a qual me recebeu, e procurou por uns 30 minutos, entre seus documentos de trabalho e, não encontrou tal ocorrência em meu nome, retornamos na sala da professora “C”, a professora “R” e eu, onde a professora “C” se mostrou irritada com a situação e falou, que não ia interferir no caso, e que era entre o gestor da escola e eu.

Pelas palavras que a professora “C” usou e, pela sua expressão, me caiu a ficha que tudo isso tem haver com o REC, ela mencionou a pesquisa, em um tom de deboche, me senti muito constrangido pois na sala estava alguns professores, colegas meus de profissão e, ficou um clima muito ruim, então eu saí da sala.

A professora “R” do setor de administração, que estava comigo, me acompanhou até a porta e, me orientou a fazer um documento, solicitando mais informações da administração, porém ficou claro, que foi uma retaliação ao REC, uma tentativa de finalizar o projeto, eu fui para minha casa, pensei um pouco e, fiquei procurando em minha mente o que eu poderia ter feito, que ofendeu o Marcelo.

Mais tarde recebo uma ligação de uma professora amiga minha, gestora de uma escola, me convidando para trabalhar na escola dela, pois modesta parte o REC é referencia no município de Tefé, aceitei o convite, na hora da renovação

do meu contrato, outro constrangimento, a professora “C”, informou que não havia a tal vaga, na escola da professora que havia me convidado.

Dois dias depois, essa gestora, me envia um áudio contando, que ela foi colocada em uma reunião, (segundo palavras dela) “só com os grandes” para falar sobre mim, foi decidido nessa reunião, que quem tentasse me ajudar, ia “rodar junto comigo”, então me caiu a ficha que não era sobre mim e sim sobre o REC.

O que está implícito nessa história, é que com a inauguração da casa da rádio, se iniciaria uma nova forma de pensar em Feliciano, uma nova forma de se fazer políticas públicas, e que os 175, eleitores do REC, representam uma ameaça ao império dos que controlam os ribeirinhos pela má educação que a eles é prestada.

Durante os ajustes de reformas da casa da rádio, houve uma grande mobilização, muitas pessoas ajudando na construção, o REC, possui 205 integrantes, sendo 175 maiores de idades, 30 menor de idade, essas pessoas seguem a regra de ser neutro dentro do REC, sobre política partidária, esse foi um dos motivos para que o REC, atraísse a atenções indesejada.

Diante da situação, eu, junto com a coordenação do REC, decidimos suspender as atividades do projeto REC, por mais difícil que seja para mim, terminar assim, mas eu, penso na segurança dos meus alunos e minha segurança.

Temo continuar com o REC em Feliciano e, haver algum tipo de ataque aos pais dos integrantes do projeto, que trabalham na escola em Feliciano e moram na comunidade, tendo em vista que eles necessitam do emprego para manter suas famílias.

Então no dia 7 de abril de 2024, em uma reunião com a coordenação do projeto REC, decidimos suspender o REC, em Feliciano, foi uma reunião com poucas pessoas pois, eu mesmo decidi, não causar nenhum tipo de alvoroço, já que todos na comunidade tem laços de sangue, eu não quis formar nenhum tipo de disputa na comunidade até porque o inimigo não é o Marcelo e sim pessoas acima dele.

No dia 9 de abril de 2024, fui até a comunidade pois, eu estava sendo acusado, pela administração da secretaria de educação, segundo a secretaria de administração, o Marcelo relatou em conversa, com a administração, que eu não coloco, o nome da comunidade nos filmes, nem os nomes os integrantes do REC, nos trabalhos que o REC realiza na comunidade Felicianana.

Chegando na comunidade, convidei o presidente para fazermos uma reunião para eu, me defender das acusações, porém o presidente que é irmão do Marcelo, gestor da escola em Felicianana, se recusou a participar da reunião, o Marcelo também foi convidado por mim e, não compareceu a reunião.

Na reunião compareceram 286 pessoas, onde eu expliquei as acusações, mostrei provas, em que eu divulgo sim, o nome dos integrantes do REC.

Na mesma reunião, a comunidade fez um baixa assinado, afirmando que era falso, as informações que o Marcelo, gestor da escola, havia apresentado a Secretaria Municipal de Educação, entreguei esse documento no setor administrativo, e até o dia 10 de junho de 2024, data em que encerramos a pesquisa, ainda não foi resolvido a situação, e eu, me encontro desempregado.

O que queremos entender, é o que leva, uma pessoa tirar seu tempo para ir na secretaria de educação, falar mentiras, referente a um colega professor, somente com o intuito de prejudicar um companheiro de profissão, que sofre junto com ele, as mesmas desventuras da educação do interior.

Sendo que o Marcelo, gestor da escola, é pai do atual diretor da rádio Curubé e, pai de um dos atores que mais se destacou nas produções audiovisual no REC.

Assim concluímos o documentário do REC, com pesar, e agradecendo as pessoas, que são muitas, que colaboraram durante esses 6 anos de pesquisa em Felicianana, meu muito obrigado, esse não é o fim do REC, eu sei o tipo de semente que nós semeamos com o REC, no coração dos filhos de vocês, um dia algum deles, vai trazer um trabalho, melhor que o REC foi para a comunidade.

#### 4. AS LUTAS PELO CONTROLE DA COMUNICAÇÃO DO REC.

##### 4.1 O Jogo de dominação.

Nesse tópico, relataremos nossa resistência, as lutas pelo controle do REC, as ameaças e as represálias aos membros do REC, analisando como iniciou o jogo pela dominação e controle do REC, as análises aqui apresentadas são a percepção dos ribeirinhos, relendo o que vivemos nesses 6 anos.

Para nossa análise de dado ser o mais didático possível, gostaríamos de apresentar duas categorias de análises, para pensarmos a educação que é feita em Feliciano, a primeira categoria, vamos chamar de educação colaborativa e, a segunda chamaremos de educação para controle do povo ribeirinho. Essas duas categorias, são só nomes aleatórios, para facilitar nossas discussões.

Considerando, um olhar geral, do campo da educação do interior, é cultural, a educação do interior, ser vista como inferior a educação da cidade, isso vem se arrastando a décadas, como se as pessoas lá da comunidade fosse incapazes de produzir ou de aprender.

Essa cultura de adorar o de fora, está enraizada, não só pela forma como fomos colonizados, mais pela forma em que ainda somos dominados pelos opressores, sei o quanto é polêmico tocar nesse assunto mas, quero invocar aqui nesse discurso a figura dos coronéis de barranco.

Os coronéis de barranco, como nos conta a literatura, segundo Furtado, 2022, atuavam como um tipo de líder local, em regiões rurais, tinham poder econômico e político, sobre a população, utilizando meios para exercer sua influência, como o controle de acesso a serviços essenciais, distribuição de empregos, favores políticos e a compra de votos, eles eram considerados os “donos das terras”, comandando a vida política e social de toda população da região.

Esse controle continua sendo executado, dentro dos territórios rurais, temos exemplos, a comunidade “A”, recebe energia elétrica, do programa luz, para todos e, a comunidade “B”, não recebe, lhe convido a pensar o nome do programa do governo federal, que é “Luz para Todos”, não é irônico?

Vamos para o campo da educação no interior, focamos como recorte a comunidade Feliciano, o chamado “cargo de confiança”, gestão da escola,

apesar de ser uma função que decide como será executada a educação, são nomeadas pessoas que não tem experiência, nem formação no campo.

Isso é feito de forma proposital, pois assim os coronéis de barranco podem controlar, essas pessoas pelo medo de perder seu “emprego”, e ainda os coronéis ganham um bônus, elegendo agentes dentro da comunidade para fiscalizar e manter esse pensamento de controlar a população pelo medo.

Quero colocar aqui também, para nossa análise, o baixo rendimento dos alunos, na vida real, porque no papel, que é enviado para as coordenações na cidade, é inadmissível, que o aluno tire menos que 6 de média, porém, é muito comum, encontra alunos no 9º ano, sem ter sido alfabetizado, como pode?

Vimos no documentário, capítulo II, desse trabalho, que é comum, professores que ainda, estão cursando a graduação dar aulas, ou professores de uma disciplina específica, dar aula em outras disciplinas.

É esses professores, pedagogos e gestores, não devem reclamar, pois, o que está, por trás dessa educação, não é a formação de pessoas, e sim um jogo de poder, para controlar o rebanho de futuros eleitores.

Agora, eu gostaria de mencionar, a educação praticada dentro do REC, como já mencionei, eu sou ribeirinho, sei o potencial dos meus parentes, por isso utilizamos o método colaborativo, em nossas ações, os filmes, que construímos dentro do REC, não são para ficar bonito, mas para que todos os integrantes alcançassem os objetivos juntos.

Esse pensamento, de ser capaz, de produzir, de criar, foi se tornando uma consciência dentro do REC, os integrantes do REC, começaram a refletir, se realmente eles precisavam de um “coronel de barranco”, para lhe indicar, em uma vaga de emprego, se é realmente necessário “vendermos nossas almas”?

Quando produzimos o filme ENCANTO, não tivemos nenhuma ajuda do poder público, quando ganhos o prêmio do Festival Nacional Primeiro Filme, manipularam a notícia, para parecer, que era a instituição, que tinha feito o filme, eu fiquei muito irritado e, fui lá na coordenação pedir, para que tirassem a notícia do ar, no outro ano, eu fui transferido da escola em Feliciano, para outra escola bem longe de Feliciano.

Como todos os anos há processo seletivo, me inscrevi no ano seguinte para Feliciano de novo, assim voltei para a Feliciano.

De volta em Feliciano, recebendo muita pressão, para passar a direção da rádio para o gestor da escola, pois a rádio agora estava fora de controle, até do meu controle, os integrantes do REC, faziam programas de rádio, pedindo do gestor da escola, explicações pela falta de merenda escolar, várias vezes eu fui chamado a atenção verbalmente, sobre essas pautas dos meus alunos.

Em uma tentativa de fazer as pazes com o “coronel”, passamos a direção da rádio para o gestor da escola, nessa manobra a rádio curubé sai das dependências da igreja católica e vai para a escola, levou uma semana para reposicionar os equipamentos.

O gestor da escola, realizou apenas dois programas de rádio, controlado por ele, e não compartilhava a chave da sala, onde funcionava a rádio, não demorou muito, os integrantes do REC, convocaram uma reunião com o gestor da escola, que alegou, que a rádio na escola fazia muito barulho para os outros professores, e na escola, não poderia mais funcionar a rádio.

Nessa mesma reunião, foi decidido, pelos pais dos integrantes do REC, que a rádio, ia sair da escola e, continuar na casa de um morador da comunidade, nessa reunião o gestor da escola me pergunta, se eu estava de acordo.

Como eu ainda não havia percebido, que tudo isso se tratava de um jogo de poder, eu concordei com a transferência da rádio, reiterando as regras, no REC, todos têm seu direito, garantido de falar o que quiser e, deve ser respeitado cada colocação.

Mais tarde, no mesmo ano, eu fui trocado da turma de língua portuguesa, para as turmas de inglês, ensino religioso, história e artes, totalizando 16 diários de classe, que antes eram apenas quatro.

Porém, eu tive a sorte, ou azar, em aproveitar as aulas de ensino das artes, para turbinar as produções em audiovisual do REC, deixando o coronel muito irritado.

O motivo para quererem silenciar o REC, é que com isso, eles conseguem manter o povo submisso, se ajustando a vontade deles, ideias como o REC, são

muito perigosas, mas, mais perigoso que isso, é confiar em um professor, que enche seu boletim de 10 e, você terminar o ensino médio, sem ter sido alfabetizado, existe casos assim em Feliciano, ou professores engravidam alunas menor de idade e, é acobertado porque o professor “é do grupo”.

Nesse trabalho, estamos utilizando o adjetivo “silenciados” para nos referir aos ribeirinhos, que são seduzidos e, vendem suas almas, por cargos, ou se omitem, perante as barbaridades, que presenciam o coronel realizar, negando o papel social do educador.

Abrindo mão de sua liberdade, acatando as ações que os coronéis de barranco, usam para controlar os ribeirinhos, pelo medo de perder o emprego e, de não ser contratado no próximo ano.

Os coronéis, não mandam professores com formação na área específica, porque não há interesses que ideias como o REC, comecem a surgir, o rebanho controlado pelo medo, torna-se mais fiel, são votos garantidos para a próxima eleição, garantindo vitórias no jogo do poder.

Existe em Feliciano, famílias inteiras que votam em um coronel, porque ele deu um motor rabeta, ao bisavô da família, há 3 gerações dessa família, e a família vive em servidão eterna a ele.

Os coronéis de barranco, continuam atuando como donos das regiões, de territórios, não é contratado nenhum servidor público, para atuar naquela região sem que haja, consentimento do coronel “dono da região”.

Títulos de formação profissional, ou experiência na profissão, são contados como pontos há menos, na contagem de pontos dos processos seletivos.

Afirmo isso porque, eu faço processo seletivo há nove anos, nos últimos anos, eu com duas especializações, batiam em média 16 a 18 pontos, agora com o mestrado e as minhas experiências em campo, essa nota caiu para 12 pontos, Como isso é possível?

#### **4. 2 O oprimido usando máscara do opressor.**

Eu, queria iniciar esse subitem com um citação freiriana, “*quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*” (FREIRE, 2003, p. 47).

Isso é muito o que aconteceu em Feliciano, mesmo o Marcelo sendo morador da comunidade e, ter participado da primeira fase de criação do REC, nos ajudou a construir a rádio, foi com a gente 2 vezes, dar entrevista na rádio rural e falar sobre o REC, tem seu filho como o atual diretor do REC, mesmo assim.

Quando ele é indicado pelo coronel para ser gestor da escola, ele começa suas investidas contra o REC, quero lembra-los que o atual diretor da rádio curubé, é filho do Marcelo.

Não é uma crítica ao Marcelo, nem uma tentativa de transforma-lo em um monstro ou algo assim, estou querendo contextualizar como o jogo de poder, pode ser perigoso, isso acontece de forma inconsciente, pois o opressor não se ver como opressor.

Em Fanon, vemos essa manobra, um negro usar uma máscara branca, para se misturar ao opressor, nesse caso um professor ribeirinho, perseguindo algo que ele ajudou construir.

Essas relações estão entrelaçadas com a educação, quando não é para libertar e, sim para domesticar, e o fato de “vender sua alma” ao coronel de barranco, algo que o coronel faz por você uma vez, e vai passar a vida toda cobrando tal favor e sua lealdade.

Quero lembrar que o favor, a que estou me referindo, são os serviços de assistência básica, como por exemplo, tirar um documento, como os ribeirinhos não tem o conhecimento de como? e, onde? Se faz esse tipo de serviço, acabam se sujeitando ao coronel.

Ele os leva, até o local para acessar os serviço, mas em troca, fecha um acordo de servidão eterna desse ribeirinho, mesmos que esses serviço sejam direito de todos, garantidos pela nossa constituição federal.

Vale ressaltar que esses serviços, através de parcerias, já foram realizados dentro do REC, pelo REC-INCLUSÃO, apresentado no item 10. semeando sonhos - rec-inclusão, desse trabalho, o que causou insônia aos coronéis da região do lago do caiambé.

#### **4. 3. As implicações da pesquisa na vida do novo cientista ribeirinho.**

Nesse item, queremos compartilhar um pouco de como esse trabalho, afetou nossa vida em todos os campos, nosso objetivo nesse item é tentar mostrar um pouco, como o pesquisador ribeirinho, sentiu-se no meio do fogo cruzado, dessas disputas pelo REC, compartilhando a complexidade dos sentimentos afetivos, no pós-campo.

Diante de toda essas situações que vivenciamos, e que estamos compartilhando com vocês, nosso objetivo é, envolver você nessa discussão, não com a intenção de fazê-lo escolher um lado da disputa, mais provoca-lo a uma reflexão, sobre as influências da educomunicação, como a educação popular, as rádios livres, são “ímãs” para ataques tão cruéis.

Nossa primeira provocação, que na verdade é uma pergunta, é, como que uma “rádiozinha”, feita por adolescentes ribeirinhos, lá de uma comunidade, tão pequena, na zona rural, incomoda pessoas tão poderosas da sede do município?

Até o momento, dia 10 de junho de 2024, eu continuo desempregado, meu caso foi enviada a ouvidoria do município no dia 27 de abril de 2024, antes disso falei pessoalmente com o secretário de Educação do município, o qual proferiu as seguintes palavras, “eu não vou me meter nisso não, encaminhem ele para a ouvidoria do município e, o que a ouvidoria decidir eu acato”.

Na mesma data, eu falei com o ouvidor, onde lhe entreguei, as atas das reuniões, que fiz em Feliciano, apresentando a minha defesa na comunidade, e a ata da reunião que fiz com a coordenação pedagógica do município.

Na reunião, que fizemos, com a coordenação pedagógica em Tefé, meu orientador participou da reunião, onde a coordenadora geral, mencionou que conhecia o meu trabalho o “REC”, e mostrou-se surpresa com toda a situação

mas, se reservou a elogios, para o REC, sem optar por uma solução concreta para resolução sobre a disputa pelo REC.

Encaminhei também ao ouvidor, cópias dos ofícios, número 009/2024-REC-INCLUSÃO, de 15 de abril de 2024, assunto solicitação de documentos, onde solicitei a secretaria de educação, cópias dos documento que o gestor Marcelo fez sobre mim, cópias das atas das reuniões que participei para tentar resolver o assunto e, um parecer administrativo sobre uma justificativa, para a não renovação de meu contrato.

O senhor ouvidor, leu os documentos e, me informou que, perante o que estava escrito no relatório, do gestor da escola, por si só, não era motivo suficiente para implicar na não renovação do meu contrato.

Desejo aqui compartilhar com vocês, parte do relatório que o gestor da escola, em Feliciano, fez referente ao meu trabalho, ao REC.

Imagem: 61 2/3, pagina do relatório de desempenho pedagógico referente ao ano de 2023.



coordenação da escola, em relação a comunidade sua convivência se tornou complicada mediante a algumas atitudes que desagradaram os comunitários falta de respeito palavras de baixo calão e confrontando o presidente da comunidade etc.

O professor [REDACTED] atuou na turma do Ensino Fundamental I 1º ano desenvolveu um bom trabalho cumprindo com todas suas obrigações pedagógicas com ética, respeito, possui uma boa convivência com a comunidade. O professor [REDACTED] desenvolveu um excelente trabalho com a turma do 2º ano do ensino fundamental I empenhou-se com garra e dedicação em frente aos desafios e conseguiu alcançar um ótimo resultado no desenvolvimento das habilidades leitura e escrita da turma, cumpriu com todas suas obrigações pedagógicas com ética, respeito e responsabilidade, foi um profissional que esteve sempre disposto a ajudar em todas as atividades que foram realizadas pela escola durante o ano letivo obteve uma boa convivência tanto com os colegas de trabalho quanto com a comunidade. O professor [REDACTED] desempenhou seu trabalho com muito esforço e dedicação para com seus discentes na turma de 3º ano do ensino fundamental I desenvolvendo seu trabalho conciliando a teoria com a prática com exemplos bem atualizados e é de fácil adaptação e interação com os comunitários.

A professora [REDACTED] desempenhou um bom trabalho com as turmas do Ensino Fundamental I 4º e 5º ano e Ensino fundamental II de 6º ao 9º dedicação na reestruturação da cultura conciliando a teoria e a prática na perspectiva de que com exemplos contextualizados facilitam a assimilação dos discente é uma profissional pontual sabe respeitar todo o corpo docente da escola esteve sempre disposta na realização das atividades da escola no decorrer do ano letivo, e tem um bom convívio com a comunidade. O professor Joel Matias da Silva trabalhou com as turmas de 6º ao 9º desenvolveu um trabalho razoável deixando a desejar em alguns aspectos no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos discente, pois o mesmo era responsável por uma das disciplinas mais importante que é a Língua portuguesa não conseguiu unir a teoria e a prática para consolidar as habilidades da disciplina. A professora [REDACTED] que atuou nas turmas do ensino fundamental II de 6º ao 9º ano na disciplina de matemática deixou muito a desejar no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos educandos demonstrou desinteresse falta de comprometimento com seu trabalho, não contribuiu nas atividades realizadas pela escola durante o ano letivo e quando participou se comportou de maneira desrespeitosa tanto com os alunos como com todos os presentes, não tinha respeito pelos colegas de trabalho nem ética profissional, durante seu horário de trabalho utilizava de termos imoral e palavras de baixo calão, acenos obscenos quando algo a desagradava, tentava provocar desavenças, um ambiente de trabalho com focos sem fundamento acusações indevidas, uma vez que prejudicava grandemente a convivência entre o corpo docente da escola e também com a convivência na comunidade.

(Fonte: 2º pagina do relatório, pedagógico 2023.)

Meu objetivo em compartilhar esse documento com vocês, como já foi mencionado, não é para persuadi-lo a escolher “um lado da guerra”, mas para lhe convidar a pensar, como acontece a disputa pelo controle da comunicação popular, sei que você deve estar pensando o que tudo isso tem a ver com a comunicação do REC?

Vale lembrar que, os líderes da rádio são menores de idade, eu decidi assim, pois acredito que as crianças, ainda não estão corrompidas pelo desejo do poder, do subjugar o próximo.

Assim, como os líderes do REC, em Feliciano são menores de idade e, com o Joel, fora do campo de combate, abre uma janela para o coronel, tentar se infiltrar dentro do REC, pois para ele corromper o REC, é muito mais importante que a formação de lideranças conscientes.

Observe no documento acima, que logo na sequência, após, mencionar o meu trabalho, ele traz outra pessoa, com observações bem interessantes, sobre o trabalho dessa pessoa, o que você precisa saber é que, essa pessoa está trabalhando e, com 40 horas, muito interessante isso?

Vamos, nos afastar um pouco mais de toda a história do REC e, nos focar só no documento, no relatório, que tipo de educação está sendo oferecida para o interior?

É óbvio, que estamos discutindo um recorte em Feliciano mas, isso não exclui, o fato de que, alunos ribeirinhos, através do REC, conseguiram chegar até a universidade para discutir, o tipo de educação que a nós é oferecida, também, mostramos que temos consciência de nós mesmos, e que queremos ter acesso, a mesma educação que é oferecida na cidade, seja oferecida também em nosso território.

Para nossas conclusões desse trabalho, eu havia pensado em trazer para a discussão, o campo das dúvidas, quanto ao estudar, se realmente vale a pena? pois antes do REC, eu era um professor exemplar.

Até iniciar essa escrita, eu estava me perguntando, se realmente vale a pena estudar? Levando em consideração minha história de vida, levei 6 anos, para terminar a graduação, fiz uma especialização, andando de canoa, no trecho lago do Caiambé, comunidade de Feliciano, todos os sábados, durante 14

meses, enfrentando sol, chuva e banzeiro, as vezes emprestando dinheiro dos colegas, para poder vim a Tefé para falar com meu orientador, tudo isso para quê, em um processo seletivo, meus pontos sejam descontados.

Eu estava me indagando e, reavaliando minha trajetória como educador, aí começo a refletir porquê o coronel perseguiria um professor ribeirinho, que veio do roçado?

Talvez, seja cedo demais para dizer, que por meio da educação, e somente por meio dela, mesmo que atravessando grande juarizal<sup>4</sup>, a educação libertadora é a única arma que o coronel teme.

Aos que não se vendem, não se entregam, aos que tem respeito pela suas origens e, principalmente respeito pelas crianças que confiam seus sonhos aos professores, deixamos aqui essa experiência, como ato de resistência ao coronel de barranco.

O REC, pode até ter tido, suas atividades suspensas, mas no dia 1° de junho de 2024, mais um programa da Rádio Curubé foi ao ar, os integrantes do REC, fizeram um programa sem locução, por 20 minutos eles tocaram músicas, sem falar uma palavra ao vivo.

Eu não estava na comunidade, é, o REC aprendeu a se manifestar ironicamente, de uma forma ou de outra, pelo menos, tudo isso que aconteceu comigo serve para reforçar que a comunicação livre, é uma forma de fazer com que as autoridades nos ouçam, é uma forma de nós ribeirinhos, abrir um dialogar na horizontal com as autoridades, pois 136 anos, do pôs-Lei Áurea, nós, os povos de comunidades tradicionais, ainda somos escravos, mas a comunicação livre está sendo a nossa arma nessa luta.

Ser professor, estudar, é plantar sonhos, ver seus alunos crescendo e manifestando seu pensamento, é acreditar, em uma nova geração de ribeirinhos pensadores, que sem dúvida, estão consciente que “NÃO PRECISAMOS DE UM

---

<sup>4</sup> Joarizal, é uma área de mata, onde existe muitos joarizeiros, o joarizeiro é uma palmeira, como muitos espinho, o que torna aquela parte da floresta impenetravel pela dessa quantidade de espinhos.

CORONEL PARA QUE, NÓS CONSIGAMOS UM EMPREGO, o que precisamos é, de oportunidades, e uma educação de qualidade.

## **SI SAINDO**

Em Feliciano, no vocabulário local, há um modo especial de se despedir de alguém, quando está terminando uma conversa, nosso modo de fazer isso é a frase, “si saindo”, que significa, até logo, daí o nome desse tópico.

Durante esses 7 anos, de projeto REC, vivemos essa experiência incrível, é muito interessante, como esses processos de comunicação popular são dinâmicos, e como a população vai se organizando em torno de uma ideia, que modesta parte, era para ter sido, só um trabalho de aula junto aos estudantes, mas a comunidade foi se organizando e tornou uma rádio escolar, uma rádio comunitária.

Foi a comunidade, não só os estudantes, mais a comunidade que começou a se organizar e, organizar a rádio, fazendo seus programas com seus estilos, trazendo para discussões problemáticas que já existiam na comunidade, só não havia um lugar para se falar dessas coisas.

Quando iniciamos o REC, nós nem imaginávamos, que iria aparecer as ou ramificações do REC, trazer o audiovisual, foi apresentar para a comunidade mais uma forma de fazermos comunicação, agora os encantados, podiam estar no mesmo plano, através da interpretação de personagens, o mundo do audiovisual possibilitou, que nós, apresentasse para a sociedade, a forma que vemos o mundo, trazendo para a discussão as denúncias sócias que afligem, e são abordadas nos temas de nossos filmes.

Nesse ponto, o REC, se torna algo que não havia como controlar, as várias formas de se comunicar que o REC aprendeu, possibilitou um maior alcance da sua voz, talvez tenha sido esse, um dos motivos para iniciar as disputas pelo controle da comunicação +do projeto.

Outro fator a considerar é, a aprendizagem significativa, lembro que no início do REC, quando se perguntava para um adolescente ribeirinho, qual é o teu sonho?, Era comum, eles responderem que não pensavam nesse assunto, agora podemos ver os adolescentes, liderando as divisões do REC, planejando

qual curso deseja cursar na Universidade, e principalmente discutindo políticas públicas para o território.

Isso mostra que a comunicação no REC, não se resume apenas aos programas de rádio, só para ouvir músicas, mas para além, a aprendizagem praticada dentro do REC, tornou-se significativa quando as pessoas começam a ter consciência de se, e de seu papel no mundo, no território ribeirinho.

Daí começou os questionamentos, por uma educação de qualidade, por melhores condições de existência, lugares públicos e direitos básicos, como acesso a emissão de documentos pessoais, que são controlados pelo coronel da região, por meio do REC, estavam sendo acessados, sem precisar está pedindo ao coronel que intervisse na ação.

Lembro que quando os integrantes do REC, foram participar de uma mesa redonda no VIII Transfronteiras, evento da Universidade do estado do Amazonas, no ano de 2023, quando saímos da comunidade, alguns dos moradores da comunidade Feliciania perguntaram, “mais eles vão mesmo deixar vocês falarem lá na UEA”, esse “eles”, se referia ao coronel, se ele ia “autorizar” a universidade a nos receber no evento.

Parece um pensamento meio bobo, mais, não se imaginava em Feliciania, que ribeirinhos pudessem entrar na universidade, *“la é lugar de gente importante”, e entendemos que somos importantes, então nós também queremos estudar lá.* (Zacarias Martins, entrevista 2023), todos esses fatores, contribuíram para que o REC, chamasse atenção de gente muito poderosa, que se levantaram conta o REC.

Na produção do documentário “Rádio Curubé, plantando sonhos na amazonia, fica claro, as investidas do coronel contra o REC, é nesse cenário que vemos, os adolescentes se levantando para defender o REC, o que quero colocar aqui é que o REC, não é a casa da rádio curubé, o REC é, fazer parte da luta, compartilhar o seu sonho e o sonhos dos seus colegas, um lugar onde o respeito pelo próximo, pela ideia do outro seja garantido, um lugar para dialogar de igualdade, onde o objetivo principal é o coletivo chegar junto, e não uma competição até a morte para ver quem é o melhor, o mais forte.

Durante todo esse trabalho, podemos ver como o amor pela educação, o desejo de aprender e construir junto, respeitando todos os tipos de saberes, contribuíram para proporcionar um ambiente de aprendizagem prazerosa, que gera a aprendizagem, a autonomia e a reflexão das ações nos processo de aprendizagem, gerando uma comunicação que mudou a vida de muitos ribeirinhos, uma comunicação a parti dos roçados.

## REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, M. T.; FURTADO, MARLÍ TEREZA; 2022.

JEAN ROUCH: subvertendo fronteiras, **código** 415, **título original** Jean rouch: subvertendo fronteiras, **direção** cunha,edgar / ferraz, ana l. / morgado, paula / sztutman, renato.

LEVY, Pierre, 1956-L668c Cibercultura/Pierre Lévy; Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo:Ed. 34, 1999.

KAPLÚN, Mario. 1985. El Comunicador popular, CESAP.

LAVE, Jean, “Aprendizagem como / na prática”, *Horizontes Antropológicos* [Online], 44 | 2015, <http://horizontes.revues.org/1000>.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Brasília, Ano 1, jan./mar. 1999, n. 2. p. 19-74.

VAZ, FLORÊNCIO, O nativo revestido com as armas da antropologia, Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 2 – n. 1 – 2019.

Antropologia. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WINKIN, Yves, 1953, A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1998.